



ALMA NOVA

(CAPA DE SAAVEDRA MACHADO)

Numero 19
Preço: 10 centávicos

DIRECTORES LITERARIOS:

A. BUSTORFF
e MATEUS MORENO

DIRECTOR ARTISTICO:

SAAVEDRA MACHADO

ADMINISTRADOR:

F. D'ASCENÇÃO MENDONÇA

SECRETARIO:

JOSÉ REBELO

Propriedade, órgão e edição da
«Biblioteca da Alma Nova»
e Sociedade «Amigos do Algarve»

ALMA NOVA

Revista mensal ilustrada
para resurgimento das



ARTES • LETRAS
• SCIENCIAS E DA PATRIA •
(Secções de inquérito á vida regional)

: REDACTORES:

Bernardo de Passos, Carlos Pimentel, Mario Pacheco, José Dias Sancho, José G. Murta, Samora Barros, Eduardo Romero, João Rico, A. Contreiras, etc.

: REPRESENTANTES:

Na India: Dr. Paulino Dias — Na
Africa: A. R. de Sousa Lopes —
No Brazil: Ronald de Carvalho.

ASSINATURAS (Pagamento adiantado)

	SEMPRE ANO
Portugal, Ilhas e Col.	560 1520
Africa e India	1550
Brazil (moeda fraca)	65000
Países da União Postal	7 fra.

Avulso, 10 centavos

Colaboração inédita e sómente a solicitada — Respeitada a ortografia dos autores

TODA A CORRESPONDENCIA PARA A

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO: *Rua da Penha de França, 12, 1.º — LISBOA*

Sumário

Ano II — Novembro — N.º 19

: COLABORAÇÃO LITERARIA:

Etnografia Artistica: <i>Apetrechos da meia</i>	POR J. LEITE DE VASCONCELOS
<i>Cancioneiro</i>	POR JOSÉ REBELO
<i>Sobre os livros para ensino da Historia geral da literatura</i>	POR HENRIQUE DE VILHENA
<i>O Museu Bordalo Pinheiro</i>	POR OLDEMIRO CEZAR
<i>Entre montanhas, ao sol-por</i>	POR MARIO PACHECO
<i>Musico doido</i>	POR THEODORO CORREIA
<i>Eça de Queiroz</i>	POR D. C. D'ECA DE MELLO
<i>Nevoa de oiro e jasmim</i>	POR BERNARDO DE PASSOS
<i>Dr. J. Leite de Vasconcelos</i>	POR MATEUS MORENO

Balanço Mensal:

<i>Em 5 d'outubro de 1916</i>	POR A. A. DA COSTA FERREIRA
Artistas de Portugal	POR SAAVEDRA MACHADO
<i>Notas do mês</i>	POR JOSÉ REBELO
<i>Pelos teatros</i>	POR J. R.

: COLABORAÇÃO ARTISTICA:

<i>Estudo (óleo, em separata)</i>	POR D. MARIA A. PIRES CHAVES
<i>Natureza morta (óleo idem)</i>	POR RUY PACHECO

MASCARA, VINHETAS E ILUSTRAÇÕES DE SAAVEDRA MACHADO

OS NOSSOS COLABORADORES

Brevemente publicaremos os seguintes artigos dos nossos ilustres colaboradores:

Tatuagens — A marca do crime	POR Albino Forjaz de Sampaio
O estado casamenteiro (narrativa do seculo XVII).....	POR Arlindo Monteiro
Um grande amigo de Camilo	POR Oldemiro Cesar
Depois da guerra	POR Amilcar de Mascarenhas
Etc., etc.	

Composto e impresso na Imprensa de Manuel Lucas Torres — R. do Diario de Noticias, 87 a 93 — LISBOA

Ex.^{mo} Senhor

Esta nota não tem o aspecto vulgar das que acompanham jornaes ou revistas pela 1.^a vez lançados a publico: não mendiga uma assinatura; limita-se a apresentar uma obra que já muitos conhecem e auxiliam, mas que ainda não é, como pretendêmos, de todos conhecida e por todos assistida.

Vae para 3 anos que, com um caracter tôdo particularista, todo de regionalismo, a **Alma Nova** appareceu numa cidade remota do Algarve, reduzida a um aglomerado de oito paginas parcamente colaboradas e de mediocre apresentação.

Ninguém se arrojará a affirmar que ela continha em si todos os germens de vitalidade que, ao depois, foi apresentando. A pouco e pouco, — sem um desanimo, nem uma transigencia, a **Alma Nova** tem-se feito e tem-se impôsto. Em seu redôr agrupam-se os mais distinctos escriptores, poetas, pintores e escultores da geração môça, — da geração que já para si grangeou o respeito e a admiração dos «Velhos» Mestres. No seu grupo de colaboradores destacam-se os mais altos Espiritos da nossa Patria. *Leite de Vasconcelos*, numa brilhante série de artigos sobre Etnografia; *José Joaquim Nunes*, em varias Notas Filologicas; *Fidelino de Figueiredo*, na Historia Literaria; *Tomás Cabreira*, na Economia Nacional: Alberto d'Oliveira, Oldemiro Cesar, Forjaz de Sampaio, D. Conceição d'Eça de Mêlo, D. Ana de Castro Osório, (e tantos, tantos mais e entre os mais illustres!) em artigos de character literario; Bernardo de Passos, Candido Guerreiro, Mario Pacheco, Antonio Ferro, Pedro de Menezes, todos os poetas da geração Nova, muitos, dignos de tal nome, das gerações já consagradas, em inéditos, — porque a **Alma Nova** só publica inéditos, — dos mais valiosos e scintilantes.

A **Alma Nova**, numa ancia enorme de expansão, não se reduziu, porém, apenas á nossa Patria. Estendeu-se ao Brazil. Ronald de Carvalho já nos enviou um dos seus melhores sonêtos, — que publicámos; de vários outros literatos de Além-Már, possuímos, ou viremos a possuir brevemente, alguns dos seus mais escolhidos inéditos.

E, assim, dia a dia, a **Alma Nova** tem aumentado o seu formato, o numero das suas sempre primorosas separatas, a selecção cuidadosissima do seu original. Hoje, ao iniciarmos o 1.^o volume, do 2.^o semestre do 2.^o ano, é uma Revista com 20 paginas, 3 separatas e uma larga folha de serviços no seu passado.

Nela teve eco um veemente brado a favor dos nétos esquecidos de Camilo. Dela partiu essa série brilhante de artigos sobre a vida intima de Eça de Queiroz, que grande parte da melhor e mais divulgada imprensa do Paiz reproduziu. Nela inicia a sua colaboração, no presente n.^o, o considerado professor da *Faculdade de Medicina da Universidade de Lisboa*, senhor Dr. *Henrique de Vilhena*.

Mas não só no campo das Artes Literarias a **Alma Nova** tem feito incidir e

triumfar os seus esforços. E' ella a primeira e unica Revista portugueza onde se tenha tentado um estudo consciente e detalhado sobre os Pintores e Artistas vivos, sua orientação dominante, sua evolução, sua obra. E' ella, — com alegria o afirmamos, — a unica Revista de Arte, em Portugal, que se honra incluindo no numero dos que lhe teem confiado as suas produções: Martinho da Fonseca, Eduardo Roméro, Alberto de Sousa, Armando Lucena, Renda, Trigoso, Dordio, Alberto de Lacerda, Costa Mota, Maximiano Alves, Raul Xavier, J. Urbano de Castro, Rebêlo de Andrade, Edmundo Tavares, Emérico Nunes, Cristiano Cruz, Hipolite, Sedas Pachêco, etc. etc.

No seu desejo de proseguir sempre, de triumphar, de se engrandecer, a **Alma Nova** não descançará jamais. Quer ir mais longe, muito mais longe, mesmo, — realizar toda a obra de educação estetica e saneamento artistico de que Portugal anda falhado. Para isso, dentro de breves dias, inaugurará em Lisboa a sua 1.ª Exposição de Arte. Entre um avultado e escolhido grupo de trabalhos, notam-se as obras do mais puro requinte de quasi todos os Artistas Portuguezes, que de tal nome dignos são.

Com o publico que até agora conquistou e a amisade de todos os Espiritos que a teem auxiliado, a **Alma Nova** já não pôde morrer. Para levar, porém, até ao fim o complexo de planos que no seu programa archiva, a **Alma Nova** não dispensa o auxilio de todos os Portuguezes e amigos de Portugal. Que todos a quem o solicitamos se apressem a trazer-lh'o, não com o caracter duma esmola, — que a **Alma Nova** desdenha, pois não é empresa de lucro, nem remunerações — mas unica e simplesmente como um braço mais que acorre a ajudar-nos nesta cruzada já longa em prol do Bem, da Arte Pura e da Grandeza da Patria Querida.

A Direcção.

A's pessoas a quem enviamos a **Alma Nova**, rogamos o favor da sua devolução immediata, sempre que a não queiram assinar



ALMA NOVA

REVISTA MENSAL ILUSTRADA

DE

Arte, Sciencias e Literatura

* * DIRECTORES * *

LITERÁRIOS :

A. BUSTORFF * E *

MATEUS MORENO * *

ARTÍSTICO :

SAAVEDRA MACHADO

Administrador

ASCENÇÃO MENDONÇA

Lisboa, novembro de 1916. Ano II — N.º 19

ETNOGRAFIA ARTISTICA

II

Apetrechos da meia

(DESENHOS DE SAAVEDRA MACHADO)



Fazer meia ou na meia é uma das indústrias domésticas portuguesas mais usuais das mulheres do povo, sobretudo em algumas provincias, como a Beira. As meias fabricam-se de fios de lã, de algodão, de linho, de seda, á mão, com um «jôgo» de cinco agulhas de arame (ou quatro); e as mulheres trabalham nisto, já sòzinhas em casa ¹, já em comunidade com outras ao serão ou ao soalheiro ², já até pela rua. Ha terras onde as mulheres, ao mesmo tempo que levam um recado, ou transportam um caneco d'agoa á cabeça, ou tem um menino ao colo, vão fazendo meia, de *cestinho*, ou *cabazinho* no braço esquerdo com os novelos. Tãmanho desejo de economizar tempo preconiza-o uma cantiga duriense:

¹ Maria! ver-te á porta a fazer meia,
Olhando para mim de vez em quando,
E' o que nesta vida me recreia.

Acorde até de noite suspirando
Por que rompa a manhã e tenha o gosto
De te ver já tão cedo trabalhando.

João de Deus, *Flores do Campo*, 1.ª ed., p. 81.

² Os serões e os soalheiros, se são fontes de trabalho, são-no também de palrice (e de *Folk-lore*). D'aí resultou que alguns romancistas os escolheram para titulos de obras, por exemplo, Julio Dinis (*Serões da provincia*) e Augusto Sarmiento (*Contos ao soalheiro*).

VOL. II

Venha-me falar, menina,
A's grades d'esta cadeia:
Para não perder o tempo,
Venha fazendo na meia.

Todavia os modernos processos fabris arruinaram as indústrias manuais, e existem outros meios de ganhar pão superiores a este. Uma cantiga de Alvaiázere diz também:

Que bela sociedade
Que me deu tão boa ceia!
Hoje em dia ser criada
Vale mais que fazer meia.

Para se fazer a meia, o fio pôde simplesmente passar em volta do pescoço da mulher, ou andar-lhe preso ao ombro esquerdo por um gancho, com uma fitinha ou laço. E também pôde fazer-se sem isso, ficando sôlto o fio.

Aqui só me importa agora o segundo caso, pois o meu intuito é falar dos ganchos, e especialmente dos ganchos artisticos.

O gancho da meia mais pronto consiste em um alfinete vergado ao meio, em um gancho do cabelo de que se dobra um dos ramos, em um colchete, em um anel, em uma argolinha. A par com estes ganchos, que não passam de adaptações de objectos que primitivamente tinham outras serventias, ha-os feitos de propo-

sito, com formas definidas, de rês, ceta, animal, homem ou mulher, mão aberta, figa, coração, sino-saimão, planta ou parte de planta, e com formas de fantasia; as substancias empregadas no fabrico varião, — barro, madeira, carço de fruta, osso, madreperola, metal. Claro está que todos os referidos objectos apresentam orificios para passar o fio e se prender o laço. Vejam-se varios exemplos de ganchos estremeños de osso e de marfim do (Museu Etnologico Português) nas figuras 1.^a a 4.^a: a última figura mostra-nos uma figa aliada a uma estrela, ou melhor, a um sino-saimão; na 1.^a o coração tem um appendice cruciforme a modo de ancora; na 2.^a finge-se que uma figa atravessa uma chapa simetrica e recortada, tomando o todo igualmente aspecto de cruz; a 3.^a é um coração sem enfeite algum¹. Também se adapta a gancho um objecto natural, por exemplo uma concha.

Nos ganchos da segunda classe manifesta-se

GANCHOS DA MEIA DE EXTREMADURA



Fig. 1

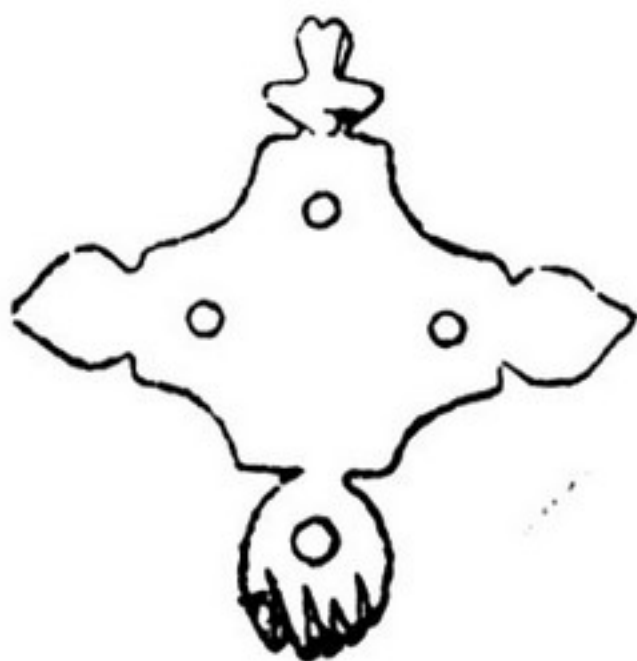


Fig. 2



Fig. 3

inuitas vezes beleza e perfeição, que convem assinalar. Um de madeira, de Avis (onde eles se chamam *tecedores*), publiquei-o já no *Archeologo Port.*, XIX, 390, est. II, fig. 10. E' no Alentejo, como creio, que os ganchos de madeira tem trabalho mais apurado, — por ser

¹ A religião e a magia entram frequentemente na vida do povo, ainda em cousas em que não se esperariam, como aqui. O gancho da meia é um objecto pratico, um instrumento industrial; mas o povo, tornando-o artistico, torna-o concomitantemente magico-religioso, isto é, faz d'ele um amuleto, ou toma-o como cruz. Da «ancora» como amuleto falei no meu livro *De Campolide a Melrose*, Lisboa 1915, p. 93, nota; do «coração» falei *ibid.* e no *Arch. Port.*, XIX, 400; da «figa» falei nas *Religiões da Lusit.*, III, 529; ao sino-saimão tenciono consagrar um estudo extenso, para o qual tenho notas ha muito tempo (ele é entre nós, como penso, de origem semitica). E' bom contudo notar que nem sempre o povo liga crença supersticiosa ao gancho da meia amuletoforme: assim o «peixe» foi provavelmente amuleto na origem (sabe-se de quanta importancia ele gozou, por exemplo, na arte cultural dos primei-

ais que a escultura popular d'esta especie mais floresce. Também em Estremoz fabricam graciosos ganchos de barro que representam, com côres, soldados, mulheres, pombos¹. Nas figuras 5 a 9 publico mais cinco ganchos alentejanos, de madeira (buxo etc.) pertencentes ao Museu Etnologico: o primeiro provém do Alandroal, os quatro restantes do Ameixial, — todos eles devidos á habilidade de pastores. O n.º 5 consta de duas cestinhas ligadas por uma argola; o principal merito do trabalho está em o gancho ser inteiriço². Os n.ºs 6 e 7 são de fantasia, flores estilizadas, providas de argolas ou cruzetas por de trás, para a passagem do fio e prisão do laço; a delicadeza, certeza e elegancia dos desenhos denunciam mão firme e experimentada: as flores distendem suas pétalas simetricamente, á maneira de cruz, cantonada por ornatos secundarios; numa as pétalas estão enquadadas em uma moldura rendilhada, na outra estão livres. O n.º 8, de estilo

diferente, é uma rosacea um pouco mais artificiosa que as anteriores, e tem ao centro uma cruz de braços iguais; por de trás ha uma cruzeta achatada. O n.º 9 representa um trevo de quatro folhas, muito lavradas; a cruzeta vai indicada de perfil na fig. 9-A.

ros tempos do Cristianismo), mas hoje não passa de mero enfeite, perdeu toda a significação que por ventura teve. Não raro ideias que primitivamente foram sublimes degeneram da sua essencia. Na Etnografia observa-se isso a cada passo: assim o poderoso *Neptunus*, de quem disse Vergilio, *Georgicas*, I, 12-13,

... cui prima frementem
Fudit equum magno tellus percussa tridenti,

tornou-se um modesto Diabrete ou *Lutin*, especie de Trasco, nas superstições da França (formas antigas do nome: *Netun*, *Nuiton*, *Luiton*).

¹ Vid. Luis Chaves, *Os barristas de Extremoz*, Lisboa 1916, p. 12 (separata da *Terra Nossa*, n.º 1). No Museu Etnologico ha alguns, que o Sr. Chaves e eu trouxemos de lá.

² Cfr. *Hist. do Museu Etnologico*, Lisboa 1915, p. 251, nota 5.

Como se deduz do que disse a cima, o artista dos ganchos da meia, ou *tecedores*, busca os seus temas na Natureza que o cerca, nos utensilios taseiros, em scenas da vida de todos os

se por consequência que ele desse assunto a um entalhador, porque além da simetria com que o provocava a copiá-lo, formava, como gancho, um agente profilático muito aproveitavel.

GANCHOS DA MEIA

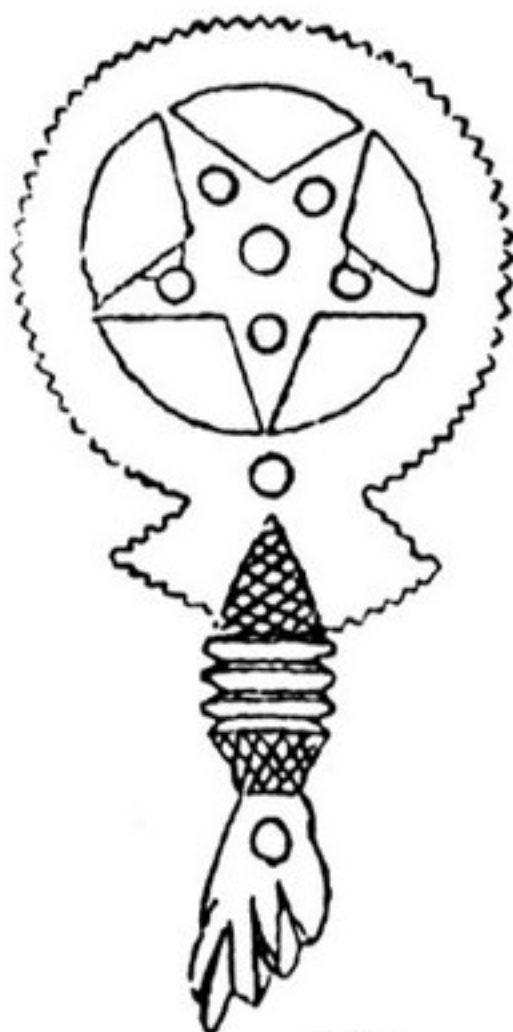


Fig. 4
(DAS CALDAS DA RAINHA)



Fig. 5
(DO ALANDROAL)

dias, na religião, na magia. Do último caso oferece optimo espécime o gancho do trevo. Esta planta é muito cantada pelo povo, e com o nome até fórma por vezes um trocadilho:

O trevo diz que se atreve
A trazer amor's ausentes:
Eu não sou trevo, e me atrevo
A tomar amor's p'ra sempre¹;

Fazer meia ou na meia diz-se em Hespanha *hacer calceta* (na Catalunha *fer mitja*: com quatro agulhas), em França *tricoter (des bas)*, em Italia *fare la calza*, em Inglaterra *to knit stockings (ou socks)*, na Alemanha *Strümpfe zu stricken* (com cinco agulhas); mas, segundo me informam, não se usam «ganchos da meia» nesses paises, ou pelo menos não são lá geraes. O uso de meias de malha parece



Fig. 6



Fig. 7



Fig. 8

(IDEM — DE SANTA VITÓRIA DO AMEIXIAL)

mas o trevo de quatro folhas excede em merecimentos o trevo comum, não só em Portugal², mas noutros paises³: comprehende-

não ter grande antiguidade: em França, por

¹ A. T. Pires, *Cantos Populares*, II, 57, n.º 2898. — Cfr. os meus *Ensaíes Ethnographicos*, IV, 145.

² Vid. as minhas *Tradições populares*, p. 114-115.

³ Vid.: Gaidoz in *Rev. de l'hist. des religions*, II, 74; Sébillot, *Le Folklore de la France*, III, 480 etc.; Gubernatis, *Mythologie des plantes*, II, 360; Wuttke, *Der*

deutsche Volksaberglaube, 3.ª, ed. § 130. etc. Nos Alemães simboliza o trevo de quatro folhas o seguinte: «Mir lächelt das Glück nur wenn ich es mit Dir theilen kann»; vid. Gessmann, *Die Pflanze im Zauber-glauben*, Viena s. d., pag. 209. Em Paris é vulgar ver á venda nas lojas um *porte-bonheur* feito de um trevo (eu trouxe de lá um exemplar para o Museu Etnologico).

exemplo, começou nos princípios do século XVI¹; antes d'isso só se usavam *chausses* e *bas de chausses* «dont le but du pied se nommait *chausson*: ils étaient en drap ou de quelque autre étoffe drapée»². Os Romanos envolviam os pés em fexas (*fasciae pedules*), e assim os introduziam no calçado; mas isto só aconteceu de certa época em diante, porque os



Fig. 9, e 9-A

(IDEM — AMEXIAI)

Romanos mais antigos não usavam nada. Os Gregos diziam *πόδειον* ou *ποδεϊον*. Entre nós as meias não fazem parte do traje geral; em algumas regiões da Beira, do Minho, etc. a gente do povo dispensa-as habitualmente: as crianças nem calçado trazem; os adultos, se o trazem, usam-no sem meias.

Atéqui tenho empregado a palavra *meias* em acepção geral. Ela porém aplica-se propriamente às compridas, isto é, às que chegam ao joelho (nas mulheres; e nos homens que usam calção). A par de *meias* temos outra nomenclatura, e curiosa. A's meias curtas chamam *carpins*, *coturnos* (pronúncia popular *queturnos*), *miotés* (= meotes), *piugas*, *piugos*. Mas estes termos nem sempre são inteiramente sinonimos. Em Obidos, por exemplo, *piugos* são meias curtas de homem, ao passo que *piugas* são meias curtas de criança. Na Guarda os *queturnos* ou *carpins* são sem «canhão»³. Em Vila-Real *miotés* ou *piugos* diferenciam-se de *coturnos* em que estes sobem acima do joelho⁴. Em Freixo-d'Espada á-Cinta empregam-se os nomes *piugas* e *meias* tanto falando de homem como de mulher e *miotés*, falando de homem; contudo *miotés* é termo mais plebeu (não se usa lá os termos *piugos* nem *coturnos*).

¹ Við.: *La Grande Encyclopédie*, s. v. «bonneterie»; e J. Quicherat, *Histoire du costume en France*, Paris 1875, pp. 98 e 562-563.

² *La Grande Encyclopédie*, loco citato.

³ Uma meia consta das seguintes partes: pé e perna. No pé distingue-se *palmilha*, *peito*, *calcanhar* e *biqueira*; o angulo que a malha forma no *calcanhar* chama-se *talão* (Guarda) ou *espição* (Obidos). Nas meias curtas a *perna* pôde ser simples, ou ter uma zona em cima: é a esta zona que se chama *canhão* (Obidos).

⁴ *Rev. Lusitana*, V, 226 (H. das Neves).

Em Viana-do-Castelo *meias* refere-se ás de mulher; *piugas* (termo culto) e *coturno* (termo

CANHÕES DA MEIA
DE LAGOÇA (FREIXO
D'ESPADA-Á-CINTA)



Fig. 10



Fig. 11

popular) refere-se ás meias de homem (*piugo* não se usa). Em Mondim da Beira, *miúcos* (= meucos)¹ e em Vila-Real *piúcos*² são meias de criança. A's meias sem pé, usadas por mulheres, chamam nas serras do Norte *piucas*, e ha-as *redondas* ou *derrabadas*, e de *cabrestilho*³. Moraes cita no mesmo sentido *piugas*, e distingue também as de *cabrestilho*⁴. De Barroso conhecem-se *adelhas*, «piucas com calcanhar e sem pé», que, quando se usavam, davam a ilusão de que a mulher, se estava calçada, tinha meia inteira⁵. Alguns dos supra-mencionados termos são relativamente modernos (*carpin*, outr'ora *escarpim*, do italiano *scarpino*⁶; *coturno*, do gr.-lat. *coturnus*, lingua literaria), o que junto a não ser absolutamente geral o uso das meias, embora esteja reconhecida por inteiro a sua utilidade, depõe a favor do que a cima disse, de ser moderna a introdução d'esta peça de vestuário. A palavra *piugo* (fem. *piuga*), do

¹ *Hist. do Museu Etnologico*, p. 252.

² *Rev. Lusitana*, XII, 116 (Gomes Pereira).

³ Rocha Peixoto, in *Portugalia*, II, 367.

⁴ *Dicc. da ling. portug.*, 4.^a ed., s. v. «piugas».

⁵ Rocha Peixoto, loco citato. A palavra *adelha* é também citada no Vocabulário de Barroso que vai ser publicado na *Revista Lusitana* pelo S.^{or} Fernando Barreiros.

⁶ *Escarpim* = *es-carpim*. O povo viu em *es-* um prefixo, e suprimiu-o; cf. *escontra* a par de *contra* etc.

lat.* *peducus*, bem como *meia* (com o seu derivado *miote*) são antigas, isto é, provenientes do latim da Lusitania; todavia em parte devem ter designado originariamente outros objectos, que não os que designam hoje. *Piuca* provém de *piúga*, por troca de sufixo. Do mesmo modo *piuco* corresponde a *piúgo*¹. Quanto a *adelhas*, talvez seja expressão metafórica, tirada de outra da mesma forma, que significa «canoira»²; cfr. *adelhão* «caleira» e o gallego *adellón* «caule»; da ideia de «canal» ou «tubo» facilmente se passava para a que *adelha* designa³.

*

Apesar de ir já um pouco longo o presente artigo, não o quero terminar sem falar de mais dois instrumentos aparentados com o gancho da meia.

Um d'elles é o *canhão*, ou *canhão de meia*, usado em Tras-os-Montes, e em parte da Beira: haste de madeira ornamentada (às vezes revestida de prata ou de chumbo na parte superior), e aberta na extremidade d'esse lado, em forma de canudo. As mulheres trazem-no á cinta, do lado direito, fixo no cós da saia, e metem na abertura uma das agulhas com que fazem meia. Em Toledo observei o mesmo costume, e ouvi chamar á haste *cañutero*;

noutros pontos de Hespanha sei que dizem simplesmente *palillo*, palavra que corresponde á expressão *pauzinho da meia*, que se ouve na nossa Foscoa. Em Italia, segundo me informei com Italianos, também se usa uma *canuccia da calza* (Toscana, Bolonha, Piemonte), de madeira e de forma conica: a *contadina* trá-la na saia, á direita, como em Tras-os-Montes; a *signora* trá-la debaixo do braço. Nas figuras 10.^a e 11.^a represento dois *canhões* de Lagoaça (Freixo-d'Espada-á-Cinta) existentes no Museu Etnológico: os tamanhos são respectivamente 0,^m235 e 0,^m245¹.

O segundo e último objecto a que desejo referir-me é duplo, e tem por isso o nome de *preguiçosas*: par de tubos (especie de dedais) de cana, madeira, osso etc., ligados entre si, a distancia, por um fio ou fita, e nos quais, quando o trabalho da meia se interrompe, se introduzem as extremidades das agulhas (cada extremidade de um «jogo» ou grupo de agulhas fica em seu tubo). Com quanto eu saiba que este objecto se usa em varias localidades², nunca ouvi o nome senão no Alentejo: nem ha provincia em que ele tenha melhor applicação, — poisque o Alentejo é a terra da fleuma!

Campolide, 7 de Julho de 1916.

J. LEITE DE VASCONCELLOS.

¹ A terminação portuguesa *-ugo* vem da lat. *-ucus*; o sufixo *-uco* pressupõe como etimo *-ucus*. — Isto porém são cousas que só os filólogos entendem.

² *Novo Dicionário* de C. de Figueiredo, s. voce.

³ Cfr., quanto ao sentido, *cano de bota*. E' metáfora analogica.

¹ Provavelmente a origem dos *canhões* entre nós é hespanhola.

² Já em Lisboa vi um (porém não sei a procedencia). Também existe em Hespanha.



CANCIONEIRO

I

Guarda o pão, poupa a alegria
P'ra amanhã, p'r' a tua mesa:
— Bôca sem pão é miseria!
— Gasta alegria é tristeza!

II

Quem espera sempre alcança
E eu puz-me a esperar por ti,
E toda a vida gastei
Na esperança em que vivi!

III

Puz os meus sonhos tão alto
Como as estrelas no ar...
Ai de mim! tão alto os puz
Que nem os posso tocar!

José REBELO.

SOBRE OS LIVROS PARA ENSINO DA Historia geral da literatura

*Ex.^{mo} Snr. Dr. J. G., em V., Espanha.*¹

EM 2 de Setembro do ano transacto (1915) tive a satisfação de acusar como recebida a sua estimavel carta de 22 de Agosto e prometi-lhe estudar o assunto sobre o qual me interrogava e no sentido de poder responder de uma forma em harmonia com o benevolo sentimento que o levou a procurar a minha modesta opinião e conselho. Tenho-me demorado, infelizmente, na presente carta mais tempo do que esperava; os motivos dêste facto são, em primeiro lugar, a minha deficiência que já lhe exprimi, no respeitante ao didactismo em literatura, e, em segundo lugar, as minhas occupações instantes e absorventes de professor, as quaes se sucederam logo às ferias grandes de verão, e que só agora, nas presentes ferias de Carnaval, me permitiram alguns dias de descanso e do necessario socego para lhe escrever estas linhas.

O primeiro facto, que posso exprimir dizendo-lhe que na minha biblioteca literaria algumas das obras mais raras são talvez ainda aquelas sobre as quaes é pedido o meu parecer, levou-me a procurar em catalogos de livrarias estrangeiras os livros de critica e historia geral da literatura que pudessem applicar-se aos liceus e institutos de ensino secundario. Bastantes dêsses livros requisitei para minha consulta, de forma que não informasse senão sobre o que directamente pudesse conhecer, e não por conhecimento indirecto. Nem todos pude obter, ou por exgotados ou por faltas de correio no actual momento; entretanto sobre os que consegui lhe darei algumas informações.

No sentido de tornar presente o espirito das perguntas que me fez, permita-me que aqui transcreva parcialmente o contexto da sua muito estimavel carta. — «Yo quisiera, para suplir la falta que hay — en nuestros Institutos de 2.^a ensenanza — de buenos manuales de Literatura, traducir alguno extranjero, que pudiera ser util à los estudiantes españoles que cursan las asignaturas llamadas «Preceptiva literaria» é «Historia literaria». Para orientar-me en este assunto, le ruego que me indique algunos libros de teoría literaria, y de historia general de la literatura, que puedan servir para ese fin pedagógico.»

Referir-me-hei primeiro ao que compete à histo-

ria e critica literaria, expressões que junto porque, de facto, as ideias que exprimem acompanham-se naturalmente. Não farei uma simples indicação enumerativa de livros de historia geral da literatura, antes lhe juntarei as considerações criticas que seguem e me parecem justas. Não procedendo assim, confessaria implicitamente que tomava esses livros como podendo satisfazer ao fim proposto. Ora não é este absolutamente o meu parecer.

Das minhas leituras de historia e critica literaria tenho colhido a impressão da sua deficiência nos casos em que o autor deseja alargar o objecto do seu estudo até uma exposição mais ou menos geral e comprehensiva das literaturas. E se já tomo esta deficiência por verdadeira, em regra, naqueles casos, mais em relevo ainda me parece manifestar-se quando se procura resumir nas formulas e preceitos breves e no quadro estreito de um manual um assunto já tão extenso e complexo. Não deve admirar entretanto este facto. Compreende-se que seja tarefa difficilima adquirir de um grande numero de literaturas os conhecimentos suficientes para saber bem resumi-las, relaciona-las convenientemente, pôr em destaque de cada uma a sua parte mais original, mais propria, e bem assim a da sua mais geral influencia. Dahi provêm que as tentativas feitas neste sentido padecem mais ou menos de defeitos, — de erros que traduzem precipitações involuntarias, prejuizos de critica, grandes e pequenas ignorancias.

Os historiadores e criticos literarios mais notaveis teem sentido indubitavelmente aquella difficuldade e mesmo alguns a teem declarado; e, transigindo com ela, teem-se limitado à historia e critica literaria de uma ou outra Nação, de um ou outro conjunto de ideias e tendencias, de certas escolas, de certos autores, épocas literarias. Resumindo-se assim, circunscrevendo por tal maneira o ambito das suas investigações, é que teem conseguido produzir obras excellentes, como, por ex., *Histoire de la littérature anglaise* (Taine), *Histoire de la littérature allemande* (Bossert), *Études sur les tragiques grecs* (Patin). Desde que se saia de uma semelhante especialização, é facil cair em pontos de vista unilateraes, em erros de facto e de interpretação, em conceitos, explicitos ou implicitos, involuntaria-

¹ Carta que foi dirigida em Março dêste ano ao Sr. D. J. G., Dr. em Letras, residente numa cidade espanhola universitaria, e que me escrevera a proposito do assunto sobre que versa. A falta completa de suas noticias, não tendo sido acusada recepção destas minhas despretenciosas linhas, ainda que o tivesse solicitado depois, suggeriu-me a convicção da ausencia do destinatario, talvez demorada

ou ainda definitiva, da cidade em que se encontrava. Estas considerações e o extravio que por aquela forma terá sofrido a actual carta, da qual conservara o rascunho, levaram-me a desejar a sua publicação, e com ela acederei muito gostosamente ao amavel convite de colaboração que me foi feito pelos Srs. Directores da *Alma Nova*.

mente injustos para certas Nações ou Povos, e para autores, escolas e épocas literarias. Ha, por ex., obras notaveis que podem ser esquecidas ou ignoradas, a sua originalidade propria não ser suficientemente sentida, a sua mais importante influencia não claramente compreendida.

Devemos ainda prevenir-nos contra um inconveniente possivel, e que, de facto, parece-me, não poucas vezes se apresenta. Se o autor de um desses manuaes ou obras de que falo, é um francez, um alemão, um inglez, por ex., de uma nacionalidade com uma literatura gloriosa, das que são mais divulgadas e conhecidas, julgo-o facilmente levado a tomar a literatura do seu Paiz como termo comparativo, e, assim, estabelece antes as relações das outras com ela do que propriamente põe em relevo o que cada uma tem de mais elevado e original. Quando esta tendencia nacional é consciente e declarada, como, por ex., na obra de Demogeot, à qual adiante me refiro, não se tornará prejudicial; mas quando de facto se manifesta sem que o proprio autor não pareça ter disso a clara consciencia, pode tornar a obra danosa para a educação literaria do leitor, em particular do estudante, o qual não possui ainda o necessario discernimento critico, faculdade que precisamente se procura desenvolver-se-lhe.

Considero pois que esses manuaes, esses livros de historia geral da literatura não deverão ser recebidos, em regra, senão mediante um exame severo; e desde que se pretenda aproveitá-los no ensino, deverão ser convenientemente revistos, corrigidos no que se tomar por defeituoso e ampliados no que se julgar deficiente; a adaptação às condições proprias do meio para o qual se deseja trazê-los, convirá fazer-se, mas nunca de forma que exprima prejuizos de nacionalidade, de escola, ou outros analogos aos do original, se os possue.

Uma tradução integral de uma ou outra dessas obras não creio que satisfaça às necessidades de uma conveniente preparação literaria dos estudantes espanhoes ou portuguezes; terá facilmente o perigo de nela introduzir um maior ou menor numero de lacunas e vicios, que poderão repercutir-se depois em toda a sua orientação espiritual. Sem dúvida se deverá atender à nacionalidade dos estudantes. Um manual francez, por ex., e como já fiz sentir, porá em relevo naturalmente o que mais se relaciona com a França e fará menos compreender, ou mesmo não aludirá, por não ser do conhecimento do autor ou porque o tome por secundario, à influencia reciproca, por ex., das literaturas de duas Nações, de dois Povos que tenham entre si antigas e proximas relações, como, *v. gr.*, Espanha e Portugal. Para estudantes portuguezes e espanhoes evidentemente a simples tradução de um livro nestas circunstancias não servirá como convém.

Dir-se-ha que para suprir inconvenientes como

este lá está o conhecimento da literatura nacional, realizado por estudos e livros especiaes. Mas, na verdade, isso significaria, mediante uma correcção sobreposta, consentir na possivel adopção de vicios de educação literaria, os quaes aliás se poderiam logo evitar. Tenho presentes as seguintes obras:

- J. M. J. A., de Nantes: *Littératures anciennes et modernes étrangères*. (Ouvrage approuvé et recommandé par Mgr. l'Evêque de Nantes, Couronné par la Société libre d'Instruction et d'Éducation.) 10.^e éd., Paris (Anc. lib. Poussielgue, J. de Girord édit., 15 R. Cassette), 1912.
- J. Demogeot: *Histoire des littératures étrangères, considérée dans leurs rapports avec le développement de la littérature française*. 1 vol. *Littératures méridionales. Italie. Espagne*, 6.^e éd., 1914. 1 vol. *Littératures septentrionales. Angleterre. Allemagne*, 5.^e éd., 1910. Paris (Libr. Hachette et C.^e, 79 B. St.-Germain).
- E. Faguet: *Iniciação literaria*. Trad. port. (Lisboa, 1914) da *Initiation littéraire*, obra relativamente recente.
- Paul Albert: *La poésie. Études sur les chefs-d'oeuvre des poètes de tous les temps et de tous les pays*. 12.^e éd., Paris (Hachette), 1911. — *La prose*. Idem. 9.^e éd., id., 1905.
- Éd Rod: *Morceaux choisis des littératures étrangères (Angleterre et Amérique, Allemagne, Italie, Espagne et Portugal, Russie, Scandinavie)* publiés avec un essai sur le développement des littératures modernes, des notices et des notes. 4.^e éd., Paris (Hachette), 1914.
- J. Boitel: *Les littératures étrangères. Extraits traduits des plus grands écrivains de l'Italie, de l'Espagne, du Portugal, de l'Angleterre, de l'Amérique, de l'Allemagne, de la Russie et des Pays scandinaves*; reliés par une petite histoire et des analyses littéraires. Publiés et annotés par... 5.^e éd. rev., Paris (Hachette), 1914.

No livro de J. M. J. A., de Nantes, para significar que está longe de ser perfeito, bastará que se note a ausencia de referencia à literatura hindú, às literaturas americanas, etc. Da literatura portugueza o A. apenas parece conhecer Camões (que aliás enquadra na literatura espanhola), de Camões sómente os *Lusiadas*, dos quaes ainda revela um conhecimento banal. Este livro é, além de tudo, tendencioso no ponto de vista de opinião religiosa. Ele vem ainda, de resto, exemplificar alguma coisa a que acima fiz alusão. No prefacio à parte das literaturas estrangeiras, ali se diz claramente: «Nous traiterons, dans cette seconde partie, de celles des littératures étrangères qui ont eu quelque action sur notre littérature nationale, ou qu'elle-même a particulièrement influencées. Etc.»

À obra de Demogeot, de passagem me referi em outro lugar. O proprio titulo indica o seu criterio e o ambito da sua exposição. Tem meritos indubitaveis, revela um estudo consciencioso de muitos assuntos, mas parece-me inegavel tambem que, como realização do proprio criterio, tem certas restricções não suficientemente explicadas. Seria razoavel que, mesmo não existindo qualquer relação de outra literatura com o desenvolvimento da literatura franceza, além das que tem com as quatro literaturas de que fala, pelo menos o A. provasse a ausencia dessas relações.

Ainda nesta obra se pode egualmente exemplificar a tendencia unilateral a que tenho aludido, sendo

bastante para isso transcrever um pequeno trecho do prefacio. O A., referindo-se à sua *Histoire de la littérature française*, diz que ali ficara esboçado o plano da obra presente. E, a seguir, explicando: «Nous y considérons la France comme le coeur de l'Europe, comme le centre d'où partent ou auquel aboutissent tous les mouvements de ce grand corps.» Ideia que desenvolve.

A *Iniciação literaria*, de Faguet, pode tomar-se como um quadro literario inteligente. Possui a vantagem de abranger a literatura numa vista, ainda que sumaria, de maior conjuncto do que é vulgar. Entretanto reconhecem-se-lhe também faltas e inexactidões. Entre as primeiras não se deverá esquecer, por ex., a ausencia de alusões especificadas à literatura arabe e às literaturas americanas (pelo menos na edição que da obra possuo). Entre as segundas as que se referem, por ex., à literatura portugueza, das quaes já tinha conhecimento antes de ser publicada em Lisboa esta presente tradução, ampliada na parte relativa a Portugal e Brasil.

Sobre os dois volumes de P. Albert posso dizer brevemente que teem, com certas qualidades dependentes do estudo especial de alguns assuntos, de feitos que se relacionam com serem ainda simultaneamente um trabalho de historia e critica literaria de uma tal ou qual declarada generalidade. Bastará, para que este ultimo facto bem se compreenda, transcrever os titulos dos capitulos (materias tratadas), por ex., do volume da poesia: «De la méthode — L'Illiade — Les dieux de l'Illiade — L'Odyssée — L'Énéide — Les dieux de l'Énéide — La chanson de Roland — La Jerusalem délivrée — La Henriade — La poésie lyrique — La poésie dramatique — Les tragiques grecs — L'Ajax de Sophocle — Le théâtre de Lope de Véga — Le théâtre de Shakespeare — La tragédie française — La poésie satyrique — La satire en France — La poésie didactique — La poésie pastorale — L'apologue.» — Como se vê, aquela pretendida generalidade não chegou a ser cumprida.

As obras de E. Rod e J. Boitel, mais que os livros anteriores, que teem um caracter um tanto ou quanto de historia e critica discursiva, parecem-me de utilidade aos estudantes para conhecerem um pouco das literaturas modernas (desde a idade média até o nosso tempo). Ha nelas, como os titulos indicam, uma selecção de trechos literarios que se faz acompanhar de uma menção elucidativa sobre os autores, as épocas literarias e mesmo certas obras. Sem dúvida, para a educação literaria dos estudantes, livros com o caracter destes possuem a vantagem de lhes dar uma ideia mais documentada, e portanto em regra mais exacta, do que a simples e resumida critica ou menção historica. São menos aridos, obrigam menos o estudante a restringir-se nas suas apreciações, concedem-lhe uma liberdade maior de interpretação pela intelligencia e pelo sentimento. Se elle tem já tendencias literarias, um

pouco ou muito a faculdade de sentir a literatura, com as indicações resumidas de livros semelhantes e com os extractos escolhidos dos auctores, pode facilmente adquirir noções exactas, formar conceitos próprios, estabelecer relações, compreender e até presentir formas subsequentes de expressão literaria. Se, pelo contrario, o estudante não tem inclinações literarias, aqueles livros são-lhe também mais convenientes por não se lhe apresentarem tão secos e extranhos; mesmo sem sentir bastante a sua materia, compreende-a melhor, em vista de estar exemplificada.

Dêsses dois livros citados prefiro o de Rod, pois me parece mais comprehensivo e sentido. Estas e as outras palavras anteriores não querem dizer, no entanto, que lhes não encontre defeitos, que são os que exprimem a minha já exposta maneira de ver geral sobre estas obras resumidas de um grande quadro literario e que lhe são ao mesmo tempo pretendidamente extensivas.

Na verdade os autores que teem pretendido escrever obras semelhantes, pela extraordinaria dificuldade, a que já me referi, de abrangerem equitativa e proficientemente um numero sem dúvida já grande de literaturas, demoram-se em regra nas que são mais conhecidas — a franceza, a espanhola, a ingleza, a alemã, a italiana, — e deixam na sombra, em maior ou menor grau, literaturas como a russa, a polaca, a holandeza, a portugueza, a escandinava, as americanas, etc. Destas, com poucas e honrosas excepções, conhecem e divulgam o que antigos ou recentes logares comuns lhes tem feito conhecer. Taes logares comuns são, em regra, repetidos sem critica e, se antigos, são quasi um habito tradicional produzindo e traduzindo vicios fundamentaes de educação literaria. Assim se chega a cometer erros taes como o de mencionar diversas obras e autores secundarios das literaturas ingleza, alemã e franceza, por ex., e olvidar primaciaes autores e obras dos Povos literariamente menos conhecidos.

Posso citar o exemplo flagrante da literatura portugueza. Esta, por um lamentavel logar comum de aquisição de conhecimento e de critica, tem sido, nesses trabalhos de generalidade, reduzida a Camões, este ainda aos *Lusiadas*, e, a proposito dos *Lusiadas*, lá vem, quasi constantemente, a pretensão do defeito na conciliação do maravilhoso greco-romano com o cristão. Alguem isto assim apresentou em tempo, e inumeras vezes se tem repetido, sem exame, e se aproveita quasi sempre que sumariamente se deseja aludir à literatura portugueza. Obras originalissimas, como a *Peregrinação* de Fernão Mendes Pinto, como a admiravel *Historia Tragico-maritima*, que simultaneamente possuem um caracter tão nacional e um tão notavel interesse universal, obras taes (e são aqui sómente apresentadas como exemplo) parecem desconhecidas dos autores dos livros a que estou aludindo. Não é também



«ESTUDO»

OLEO DE
D. MARIA A. PIRES CHAVES

para lamentar que se esqueça a obra de um Gil Vicente (1470-1540), de um João de Barros (1496-1570), de um Herculano, de um Garrett, de um Camillo, de um João de Deus . . . , equivalentes, nos seus generos respectivos, aos primeiros das outras literaturas ?! E são, a proposito de algumas destas, recordados autores e obras que exprimem antes, mesmo no seu proprio Paiz, influencias que ali se sofrem sem mistura de uma notavel tendencia original, quando, a respeito daquelas que acho consideradas com injustiça, não se chega a lembrar os que determinam influencias, ou os que adaptam ao meio, creando-as parcialmente, as grandes tendencias literarias extranhas, ou, enfim, os que, sem realizarem de facto uma ou outra coisa, são no entanto profundamente originaes, caracteristicos, por ex., do sentimento de uma raça, ou do espirito de um grande acontecimento historico !

Coisa semelhante ao que digo em relação à literatura portugueza, sem dúvida, estou disso convencido, outros poderiam alegar com respeito a mais literaturas.

Acredito que as obras resumidas de historia geral da literatura, alemãs ou inglezas, as quaes não pude obter e conhecer para que pudesse informar sobre elas convenientemente, participem dos defeitos que já exemplifiquei nos citados livros francezes. Na verdade, encontro entre estes uma tal ou qual semelhança que me parece revelar que os recursos que buscaram são comuns e permitem somente a expressão de um conhecimento mais amplo e veridico das literaturas mais conhecidas. Este facto leva-me a supôr que da parte dos autores inglezes ou alemães, os quaes pertencem a dois desses Paizes de literaturas gloriosas e mais divulgadas, se manifeste alguma coisa de analogo e pelas mesmas razões. A bibliografia ingleza e alemã tem sido tambem, como me parece indubitavel, depois da propria nacional a mais aproveitada pelos criticos francezes.

Nos catalogos italianos (uns poucos consulte) só pude deparar com dois titulos que mais se aproximavam do sentido das obras que desejava. Infelizmente, ao pedido desses livros, obtive a resposta de estar a edição exgotada.

Tenho criticado um pouco e talvez pareça que com um certo pessimismo. Na verdade aquela especie de obras não tem satisfeito o meu espirito. Se pessimismo ha, é o que resulta desta insatisfação. Mas as minhas boas apreciações, o meu aplauso, não os regateio a obras de especialização de historia e de critica, taes como, além dos três a que já me referi em outro lugar, e sem embargo de defeitos que possam conter, a *Literatura americana*, de William P. Trent (trad. franc. de Henry Davray), a *Literatura ingleza*, de Ed. Gosse (trad. Davray), a *Historia da literatura franceza*, de Lanson, a *Historia da literatura portugueza* (1 vol., Edade

Média — 1 vol., Renascença), de Teofilo Braga, a de Mendes dos Remedios, etc. Parece-me, além disso, que actualmente os elementos para se construir uma historia geral da literatura e dela se poder fazer um resumo proficiente, são bem mais numerosos e apropriados do que eram ha apenas alguns anos. Do estudo especializado, por vezes comparativo um pouco, das literaturas de bastantes e diferentes Povos, que se tem feito nas Universidades, em algumas de uma forma cumulativa, tem resultado uma serie já notavel de monografias literarias, tributos excelentes para a obra a que me refiro. As traduções dessas monografias nas linguas mais conhecidas, assim como dos proprios originaes literarios, destes principalmente, tambem já se não podem dizer raras. Se tudo fôr abrangido por um criterio largo e elevado, pelo qual se rejeitem os habituaes preconceitos, que são erros essenciaes, e que traduza uma simpatia inalteravel e bem distribuida em todos os ramos que constituem o objecto do estudo, poderá assim realizar-se uma obra admiravel e de excepção.

Ha um ponto a que ainda me não referi, nesta carta que tenho a satisfação de lhe escrever, e que no entanto não deve ser esquecido. Trata-se dos programas officiaes de ensino. Não conheço os programas relativos à historia literaria nos liceus e institutos de ensino secundario em Espanha. Devem ser equivalentes, na sua parte de applicação à historia literaria geral, aos portuguezes, francezes, etc. Ora devo dizer que, em casos frequentes, mais ainda que os livros, os programas officiaes parecem-me traduzir erros e prejuizos transmitidos por tradição, defeitos de conhecimento. E entendo que o livro, assim como o professor, longe de os acompanharem e se lhes sujeitarem absolutamente, devem completá-los, aperfeiçoá-los, por assim dizer substituir-se-lhes em tudo em que se mostrem defeituosos.

Com respeito à «Preceptiva literaria», que tomo pela sciencia dos preceitos de composição literaria, — julgo que é esta pelo menos uma parte da sua significação, — as minhas considerações serão breves. Ha um livro que eu entendo que deveria ser lido por todos que se dedicam à arte literaria ou que neia não querem ser extranhos. Chama-se *L'art d'écrire* e é seu auctor o francez Albalat. Livro muito lúcido, tem os seus exemplos, como é natural, referidos a trechos dos escriptores francezes. Seria bem adoptado em o meio espanhol ou portuguez, fazendo acompanhar o texto de notas com extractos dos escriptores espanhoes ou portuguezes, respectivamente, e que se concilhassem com o sentido da demonstração do A.

Não desejo terminar esta carta sem pôr à sua disposição — permita-mo v. ex.^a — não só os meus livros, como todo o meu modesto prestimo. Peço-lhe aceite a expressão das minhas sinceras saudações.

HENRIQUE DE VILHENA.

AS BELAS INICIATIVAS

O Museu Bordalo Pinheiro

Só prevalece o bem que praticamos.

CRUZ MAGALHÃES.

(De um soneto inédito).

. * .

Mas suficientemente estão já esclarecidos o valor social da Caricatura e o talento enorme deste Homem para que possa merecer indulgencia do hipotetico leitor qualquer persistencia minha em falar-lhe d'Ele e da sua Obra.

Todos mais ou menos a conhecem, todos mais ou menos a folhearam nos jornaes e revistas da especialidade, muitos dela possuem uma minima parcela em qualquer dos barros artisticos das Caldas, comprados para adorno de qualquer gabinete de estudo ou casa de jantar decente.

E os que ainda a não conhecem, ou os que mal avaliam da sua vastidão e variedade, têm desde poucos dias exposta ali n'uma vivenda do Campo Grande — retiro discreto de um Poeta onde a Saudade habita — a melhor, a mais grandiosa e bela consagração do Grande Morto que a alma apaixonada de um crente poderia ambicionar para o objectivo da sua devoção.

Bem merecia o snr. Cruz Magalhães, fundador e organisador do Museu Rafael Bordalo Pinheiro, respeitoso tributo de gratidão dos seus contemporaneos por esta sua Obra de paciente investigação, desde o seu inicio generosamente legada ao Municipio de Lisboa, o qual até hoje, que eu saiba, nem a agradeceu nem a visitou, não tendo sequer comparecido á sua abertura ao publico. Bem certo é que a gratidão dos homens, como dizia o filosofo, quando se manifesta é sempre e apenas... para pedir mais. Razão porque no caso presente sou eu o primeiro a registar quasi com prazer a attitude insolente e réles dos sujeitos que no Municipio indigena se amesendavam á data da abertura do Museu, tão condizente com o desprezo a que votaram a tão falada placa comemorativa da casa onde nasceu o Artista e a consequente mudança do nome do rua onde tal predio foi edificado.

Razão tambem para que o Poeta se afastasse do contacto repugnante da vida exterior e entre as quatro paredes do Museu, que já não são sua pertença, passasse a viver para o culto de um Grande Artista que foi tambem um grande homem de bem, tendo ali, sob os seus olhos, fiel a todas as evocações, o kaleidoscopio interessantissimo de um passado incomparavelmente mais curioso que o presente — senão melhor.



Caricatura é a propria essencia do Riso. Tem o seu logar marcado, e dos mais honrosos, na série resumida das Artes a que se convencionou chamar Belas.

Um grande Caricaturista é, ao mesmo tempo, um filosofo, um psicologo e um homem de letras. Claro que é tambem um grande desenhador e um observador atento da Comedia Humana que passa.

Tudo isto foi Rafael Bordalo Pinheiro, e como nenhum outro possuiu o dom do Riso, do Riso abrangendo todos os Risos, aquele Riso dividido e classificado por um grande espirito de sabio e homem de letras — o snr. dr. Ricardo Jorge — em «olimpico e homerico, o angelico, o satanico e o sardonico, o Rir dos deuses e o Rir dos foliões, o Riso liso e o convulso, o amargo, o amarelo e o sarcastico, o Riso de escarneo e o Riso de piedade, o Riso da esperanza e o Riso do tetano, o Rir que cura e o Rir que mata» — *todos os Risos menos o Riso alvar...*

Grande e extraordinario Artista esbanjou ás mãos cheias, com uma prodigalidade de Nababo, a sua Obra por todos os assuntos, Obra sob todos os aspectos admiravel, Obra que foi, dia a dia, o comentario ironico a um agitado quartel da vida portugueza — sombra de fumo que o vento implacavel da Morte já desfez no turbilhão constante da sucessão dos homens e dos factos.

. * .

Acima de tudo vemos em Rafael o observador e o desenhador. Não se póde ser um bom Caricaturista sem se conhecer a fundo os segredos do desenho.

Por isso mesmo que o Artista tem de lhe deformar as linhas puras e correctas para dar á mascara humana os esgares do grotesco ou o rictus da agonia, esse conhecimento é indispensavel, e bem superiormente o revelou Rafael desde os seus primeiros trabalhos, tentativas sérias breve postas de parte para mais tarde continuarem na obra do decorador e do ceramista — essa maravilhosa criação das faianças portuguezas que tem qualquer coisa do quimerico, do gracioso e delicado dos milagres dos contos de fadas.

O passado...

O mister de o recordar, pontificou Herculano — outro desiludido dos homens e das coisas — «é uma espécie de magistratura moral, uma espécie de sacerdócio.»

E aconselhou:

«Exercitem-o os que podem e sabem, porque não o fazer é um crime.»

Le passé c'est un second cœur qui bat en nous...

N'este verso de Bataille, o estranho dramaturgo da *Mulher nua*, está todo o elogio da Obra deste Homem, que, no seu justificado isolamento, logrou a grande consolação de encontrar alma gêmea da sua que bem o entendesse e auxiliasse no culto entranhado que vota a Rafael Bordalo Pinheiro.

Foi mesmo desta amisade, flôr que raro brota na montureira das coisas humanas, que esse culto nasceu e se desenvolveu. Quero referir-me ao poeta-pintor Luiz Calado Nunes, hoje desterrado na improba e árdua tarefa de desbastar cabeças moças no liceu de Santarém, a cuja paciência chinesa se devem copias de muitos trabalhos do Museu, que o proprio autor dos originaes facilmente confundiria, se vivo fôra, com os vestígios do seu lapis tão pessoal e característico.

• • •

O Museu Bordalo Pinheiro realisa hoje em Portugal o que na Inglaterra realizou já ha muito o culto nacional por Shakspeare, Byron e Dickens,

Outubro de 1916.

em França a veneração por Victor Hugo e Napoleão Bonaparte, na Italia a religiosidade pela memoria do Dante, cantor das penas do Inferno, na Espanha o respeito pela demolidora ironia de Cervantes, na Alemanha o culto a Goethe e Wagner, na Suissa a patriotica admiração por Guilherme Tell, na Austria o entusiasmo pela obra musical de Mozart, na nebulosa Scandinavia a justiça prestada ao genio inconfundivel do espantoso Ibsen.

Se Cruz Magalhães puder viver ainda os anos precisos para n'um livro, que seria um soberbo e utilissimo catalogo do Museu, comentar, descrever e analisar todas as joias da sua inestimavel collecção, a Obra deste Homem ficará completa em toda a sua enorme beleza, impondo-se com respeito á admiração dos posterios — se porventura a geração dos que hão-de vir se avantajarem em honestidade e intelligencia a esta dos que estão para ir.

E, muito tranquilamente, com a consciencia aquietada de quem soube na Vida cumprir uma grande e dignificadora missão, o seu delicado espirito de Artista poderá mergulhar no misterio do Além com o direito de antepôr com justiça ás paginas desse livro, como louvavel incentivo futuro á memoria de um dos maiores Artistas portuguezes, a quintilha franca e peremptoria do nosso illustre Garcia de Rezende:

*O caminho fica aberto
A quem mais quizer dizer;
Tudo que escrevi é certo;
Não pude mais escrever
Por não ter mais descoberto.*

OLDEMIRO CEZAR.

† † †

Entre montanhas, ao sol-pôr

Ao Gilberto de Aragão

Pelas montanhas na distancia cêrula
Ondulações severas de pinhaes...
Lento cair da tarde nos casaes:
Poeira d'ouro em céu de madreperola.

Vozes da Natureza... o ar, as fontes...
Sussurro dos pinheiros ennevoados;
As rolas a gemer... cantos alados;
Dialogos longinquos de horizontes...

Ultima hora do dia sempre bela!
Derradeiro clarão na cinzea tela
Do sol voluptuoso, moribundo.

Beleza e misticismo! Halos serenos.
Na concha azul da noite surge Venus;
Altar de nuvens o Marão, ao fundo.

1916 — (Inédito).

MARIO PACHECO.

Musico doido

A José Rebelo

N'um velho violino em que as modulações
Tristes d'uma balada ascendiam ligeiras
N'um «smorzo» embriagadôr dulcissimo de sons
O musico vibrou as notas derradeiras.

Tinha não sei que mago encanto essa balada
D'uma beleza antiga e de ignorada origem:
— Doce como o sorrir d'uma mulher amada
E triste como os ais que os corações afligem.

Depois, como o agitasse um vento de loucura
O musico, co'um ar de tédio e de amargura,
Pegou no violino, olhou-o e de repente

N'um movimento brusco e estranho dos seus braços
Arremessou-o ao chão, quebrou-o em mil pedaços
E poz-se a rir, a rir, a rir perdidamente!...

Funchal.

THEODORO CORREIA.

POETAS E ESCRITORES NA INTIMIDADE

Eça de Queiroz revelado por uma ilustre senhora de sua familia e intimas relações, — a distinta escritora D. Conceição d'Eça de Mello

EÇA DE QUEIROZ

IV

A vida de Pariz tinha para Eça de Queiroz grandes encantos.

Não eram, porém, os theatros nem as grandes festas, de que outr'ora tanto gostara, o que agora apreciava.

Elle estudava o Pariz de todos os dias, a vida da grande cidade em todas as suas manifestações, com a attenção de um critico, de um psychologo.

Com o ouvido collado sobre o coração d'aquelle poderoso organismo, auscultava-lhe os movimentos, contava-lhe as pulsações.

Gostava de dar grandes passeios atravez das ruas mais populosas, só, exercendo o seu espirito de observação; advinhando, ás vezes, atravez de um rosto facêto a mais hilariante comédia, ou lendo em olhos, profundos e pisados um drama de paixão.

Esses typos que elle guardava na memoria tomavam depois, muitas vezes, lugar na sua vasta galeria.

E' que, na verdade, Pariz ao fim do dia tem, para quem olha com olhos de ver, muito que estudar.

O *boulevard* a essa hora *bat son plein*. Atravessam-n'o em ondas, a gente que se diverte, assim como a mais especialmente dedicada ao trabalho.

Em carruagens brilhantes ou simples, vêem-se atravez dos altos vidros os ricos ociosos ou as *cocotes* altamente cotadas.

Encontram-se os jornalistas, os *boulevardiers*, toda essa população que tendo consagrado o dia á lucta pela existencia, tem o ar alegre de quem fechado o trabalho se prepára para gosar.

Vindo do *Bois* as carruagens opulentas

transportam apressadamente, para as ricas moradias, as mulheres mais elegantes da sociedade parisiense; a quem o tempo não sobeja para irem fazer a sua *toilette de soirée* em quanto sobre o asphalto as graciosas *midinettes* em grupos de trez ou quatro, naturalmente elegantes, põem, com a sua natural graciosidade, uma nota de poesia n'aquelle quadro, muito curioso, para quem o sabe apreciar.

Victor Hugo tambem gostava de atravessar Pariz a essa hora, mas não sendo como Eça de Queiroz um bom *marcheur*, subia para a imperial de um omnibus, e todos os dias, invariavelmente, ia procurar impressões que na grande cidade se encontram sempre diversas e se prestam a profundo estudo; e tão agradaveis lhe eram esses passeios que no seu testamento figura um legado aos cocheiros da companhia L'Urbaine que trabalhavam na linha *Des Ternes*!

*

Já em uma d'estas chronicas fallei da bondade de coração do auctor das *Cidades e Seras*. Um facto passado em 1899 me vem agora á memoria, e como na sua simplicidade dá uma nota frisante do character do romancista, não resisto a conta-lo ao leitor:

Os estudantes e artistas portuguezes, que estavam n'essa occasião em Pariz, tinham por Eça de Queiroz uma verdadeira affeição, e querendo dar-lhe uma prova de quanto o apreciavam lembraram-se de lhe offerecer, e a Bartholomeu Ferreira, primeiro secretario da legação portugûesa, um jantar no restaurant Voltaire, o mais antigo e litterario restaurant da margem esquerda.

Parece que a festa correu alegre e íntima. No fim d'ella Eça de Queiroz, seguindo o velho costume parisiense, convidou todos para um *punch* que mandára preparar em uma das salas.

Quando já bem pela noite adiante estavam para se separar, Eça de Queiroz, que apreciára verdadeiramente aquellas horas passadas com rapazes portuguezes, lembrou que seria agradável fundarem um jantar mensal, e como todos acceitassem com entusiasmo propoz para serem também convidados dois typographos portuguezes, que algumas vezes o tinham procurado no consulado e de quem apreciára a illustração e boas maneiras.

Para o seu espirito levantado e nobre, a questão de posição e fortuna tinham um valor muito relativo.

A fundação d'esse jantar não chegou a effectuar-se. A morte que espreitava aquelle grande espirito já se avisinhava, fazendo-se annunciar por acerbos soffrimentos.

O segundo semestre de 1899 e o primeiro de 1900 foram para Eça de Queiroz de verdadeiro martyrio.

A doença aggravava-se, e o cruciante cuidado na saúde do filho mais velho, então muito doente, foi o golpe de graça.

O seu médico assistente, vendo-o desperecer aconselhou-lhe uma pequena viagem á Suíça, esperando que a distracção, o ar da montanha e a mudança de meio, tivessem rasão do estado morbido que receiava se tornasse em neurasthenia.

Para lá partiu e por lá esteve quinze dias, ao fim dos quaes, sentindo-se mais doente, e augmentando o fastio, voltou para sua casa.

Teve a alegria de encontrar o filho curado, mas nem essa alegria o poudo salvar.

Dois dias depois da sua chegada ficou de cama, e d'ahi a trez morria.

Assisti-lhe á morte, e nunca a poderei esquecer.

Pela manhã do dia 16 d'aquelle mez de Agosto o seu médico assistente, que passára a noite em Neully, pedio que fosse chamado o celebre especialista Bouchard.

Seriam oito horas quando elle chegou.

Subio ao quarto e eu fiquei em uma sala

do primeiro andar com o conde de Souza Rosa, que bastante doente se levantára da cama para correr a Neully, ao saber quanto era perigoso o estado do Eça de Queiroz, de quem era amigo dedicadissimo.

Passada talvez uma hora, Mr. Bouchard entrava na sala e não nos deixava esperanças de cura.

Talvez tivesse ainda alguns dias de vida, se o sôro que mandára confeccionar ao Instituto Pasteur — e que levaria horas a apromptar — ainda encontrasse o doente com vida para se lhe darem as injecções.

— Que grande e luminoso espirito — dizia o grande medico francez. — Elle está a morrer, pois contou-me a sua doença, e todas as phases d'ella, tão lucidamente como qualquer homem de talento o poderia fazer, na posse de todas as suas forças.

Fiquei aterrada.

Até alli esperára sempre na possibilidade da cura. Parecia-me impossivel que aquelle homem de tão grande talento, tendo ainda um tão largo futuro, fosse acabar assim quasi de repente, e occupando tão grande lugar no mundo das letras, tão rapidamente desapparecesse.

Infelizmente d'esse dia para cá, por triste experiencia tenho aprendido que a terrivel morte não hesita, e breve empolga as suas presas.

E a pobre Emilia, que nem um momento deixava a beira do leito do querido doente, como estaria ella ?

Bouchard, não tivera animo para a desenganar e deixára-lhe vagas esperanças. Fui encontra-la desolada, mas não desesperada.

Tinha confiança no médico, que acabava de sair dalli. Confiança no remédio que elle preconisára como excellente.

A doença, porem, é que não esperava, e se riam talvez trez horas quando me pareceu ver o doente esboçar esse movimento vago de todos os moribundos que inconscientemente puxam a roupa, como se sentindo fugir-lhes a vida procurassem agarrar-se a alguma cousa.

Sahi do quarto fazendo um signal á pobre Emilia, que tão breve o lucto da viuvez envolveria.

— O José vai morrer disse-lhe brutalmente logo que sahimos do quarto. Queres que vá buscar um padre?

— Não me digas isso, soluçou ella, e os seus olhos tiveram uma expressão de desvairamento que me aterrorisou.

Desci a correr, e entrei para a primeira caruagem que encontrei na Avenida de Neully.

Dentro em poucos minutos apeava-me á porta da casa dos missionárias, aonde o superior, cheio de bondade me affirmou que um padre iria immediatamente.

Voltei á Avenida de Neully.

O espectáculo que se me deparou, quando entrei no quarto, aonde agonisava o bello espirito de Eça Queiroz, é para mim inolvidavel.

As duas janellas estavam abertas sobre o jardim. Eça de Queiroz estendido na cama collocada ao meio do quarto, tinha os olhos quasi cerrados, mas respirava serenamente. A um lado da cama, chorando perdidamente estava a pobre Emilia.

Os creados ajoelhados um pouco atraz soluçavam.

Lisboa 24 de Julho de 1916.

Pelas janellas abertas as tilias do jardim pareciam espreitar, e um raio de sol, desse bello e glorioso sol d'Agosto, nimbava de uma aureola de ouro a fina silhueta do romancista.

Cahi de joelhos do outro lado da cama, e logo apoz mim chegava o respeitavel padre Lanfant, que lançou a absolvição ao moribundo. Ao mesmo tempo ouvia-se a pouca distancia um côro de vozes infantis, de uma infinita doçura, implorando para aquella alma a misericordia celeste.

A impressão produsida por aquella musica maviosa e simples, não a sei descrever. Pareceu-me alguma cousa de sobrenatural.

O caso era simples: A um dos lados do jardim corria o de um orphelinato. As irmãs que o dirigiam souberam que Eça de Queiroz morria, e juntando as creanças entoaram todas o sublime *Miserere*.

E assim perdeu Portugal a 16 de Agosto de 1900, um dos seus mais gloriosos filhos, um dos mais bellos talentos contemporaneos, e eu um parente a quem queria como a irmão.

C. D'EÇA DE MELLO.



Névoa d'oiro e jasmim

Nunca ainda os meus olhos conseguiram
fitar-te e ver-te bem,
ó Flôr crepuscular onde suspiram
vágos cantos do *Alem*!

Como um veu ténue, como um fumo léve,
véla-te o proprio ar
o corpo luminoso d'oiro e neve,
ao meu ansioso olhar...

E a cada olhar meu tu és diferente,
nova graça te adórna,
— nuvem d'oiro correndo num poente,
sempre a mudar de fôrma!

Teu corpo, que ar tem ele? Como são
teu rosto e o teu olhar?
Não os posso esquecer! e em vão, em vão,
os posso bem lembrar...

Ando cégo da luz que em ti flamêja,
névoa d'oiro e jasmim!
E's linda? Eu sei-o, não porque te veja,
mas porque te âmo assim!

Presinto-te. . . E ao ver, todo trememente,
a tua Aparição,
como Moysés perante a *sarça ardente*,
vejo só um clarão!

O' Visão que me atráes e em quem me enlévo,
Visão de luz celéste!
Eu não sei que crepusc'lo te revéste,
que encantado arrebol!

Deslumbras-me! E ao ver-te, eu sou um cégo
olhando para o sol!

BERNARDO DE PASSOS.

SUBSIDIOS

PARA O ESTUDO DA INTELLECTUALIDADE PORTUGUESA

I

Dr. J. Leite de Vasconcellos

TEMOS o prazer de iniciar os nossos pequenos estudos sobre os escritores e poetas contemporâneos, referindo os méritos e obras do ilustre professor e sábio arqueólogo Dr. J. Leite de Vasconcellos, prometendo irmo-nos ocupando, em os numeros subsequentes, de todos que pela sua intelligencia e pelo seu saber hajam conquistado um lugar de merecido apreço nas letras do país, conscio de que poderemos assim contribuir, no fim da nossa tarefa, com alguns subsidios importantes para o conhecimento da intellectualidade portugueza.

O nome do Dr. J. Leite de Vasconcellos é de sobejo conhecido, não só em Portugal como no estrangeiro. Extensa e valiosa, a sua obra tem conquistado o apreço das mais doudas Academias, e ha bem pouco ainda a de Inscrições e Belas-Letras de Paris, sob proposta de uma comissão em que figuraram Maspero, Dieulafoy, C. Jullian, Morel Fatio e Antoine Thomas, acabou de estrear no ilustre arqueologo o prémio «Raoul du Seigneur», instituido pela Marquesa Arconati-Visconti e destinado á melhor obra sobre arqueologia ibérica.

* * *

Para um estudo condigno da obra e merecimentos do sr. Leite de Vasconcellos não bastariam todas as nossas paginas.

Da sua biografia diz o «Diccionario Bibliografico» de Innocencio & Aranha.

«José Leite de Vasconcellos Cardoso Pereira de Mello, ou sómente J. Leite de Vas-

concellos, filho de José Leite Pereira de Mello Cardoso e Vasconcellos e de D. Maria Henriqueta Leite de Vasconcellos Pereira de Mello, ambos descendentes de uma nobre casa de Rezende, nasceu na Ucanha, concelho de Mondim da Beira, a 7 de julho de 1858.»



(Des. de S. Machado)

DR. J. LEITE DE VASCONCELLOS

O sr. Leite de Vasconcellos entrou aos 18 anos para o Liceu do Porto, cujo curso geral completou em 1879, matriculando-se depois na Academia Politécnica da mesma cidade, como aluno do curso de sciencias naturaes, que completou em 1881. Deste ano a 1886 estudou para a sua formatura, na Escola Medico-Cirurgica. No final do curso, a sua tese — «A evolução da linguagem» — foi aprovada plenamente *com louvor*, por o considerarem, como se diz no respectivo diploma, *o mais distinto dos alunos que findaram o curso no ano de 1886*, resolvendo o Director e o Conselho da Escola conferir-lhe o prémio «de Macedo Pinto».

A obra do novo escritor vae já a esta altura conquistando o apreço das letras e das sciencias.

De 1899 a 1901 está em Paris, onde frequenta dois anos de Filologia Romanica, na Universidade da grande capital, e defende a tese — *Esquisse d'une Dialectologie Portugaise*, que é aprovada plenamente «avec la mention très honorable». E'-lhe aí concedido o diploma de «Doutor». Em Paris frequentou também, no *Colege de France*, varias cadeiras de Filologia e Arqueologia, e a secção Historica

e Filologica da Escola de Estudos Superiores de Paris, d'onde trouxe o diploma de «Alumno titular».

*

Os cargos e funções desempenhadas pelo sr. Leite de Vasconcellos têm sido numerosas. Tornar-se-ia demasiado extenso para estes «subsídios» a enumeração de todas as colectividades scientificas de que é socio, bem como dos Congressos a que tem assistido. Todas as viagens que tem feito, tanto em Portugal como fóra, têm sido dedicadas a estudos e investigações historico-scientificas.

Como sabio e como patriota, os seus serviços têm sempre constituido um sonho de aperfeiçoamento.

Em 1887, logo depois da sua formatura, foi nomeado Conservador da Biblioteca Nacional de Lisboa; aí rege, desde 1888, a cadeira de Numismatica, regencia que desde 24 de Dezembro de 1901 passou a desempenhar gratuitamente. Na mesma Biblioteca rege tambem, desde 1903, um curso gratuito de Filologia Portuguesa.

A êle se deve a fundação, em 1893, do *Museu Etnologico Português*, que dirigiu gratuitamente até 1898. — «O Museu conta hoje mais de vinte mil objectos, obtidos á custa de immenso trabalho e canseiras; elles estão dispostos methodicamente, de modo que constituem um curso prático de *Etnologia Portuguesa*». (Vid. *Tit. Lit.*)

A 22 de Agosto de 1911 foi nomeado professor da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, e aí tem regido as cadeiras de Filologia Latina, Filologia francesa, Arqueologia, Numismatica e Epigrafia, e no impedimento do sr. Adolfo Coelho regeu alguns meses as de Filologia Romanica e Filologia Portuguesa.

*

Refiramo-nos á obra do nosso illustre retratado. Vasta e grandiosa, ella é bem um atestado valiosissimo da sua enorme actividade e do seu interminavel amor ao saber e á patria. Desde 1879 até á data presente tem publicados cerca de duzentos trabalhos, que se distribuem assim:¹

¹ Sobre as suas publicações até 1900, consulte-se:

- I. POESIA: 30 folhetos, de menos de 50 ps., e 2 grossos vols., de mais de 300.
- II. ETNOLOGIA: 62, idem, e 20, idem.
- III. FILOLOGIA: 51, idem, e 7, idem.
- IV. NUMISMATICA: 27, idem, idem.
- V. ASSUNTOS VARIOS: Cerca de 20 opusc.
- VI. ETNOGRAFIA ARTISTICA: 2 opusc. editados pela *Alma Nova*.
- VII. PERIODICOS: 6 dos quais ainda se publicam: *A Revista Luzitana*, que conta 18 vols., estando o 19.º no prelo, e *O Archeologo Português*, que conta 20 vols., estando o 21.º tambem no prelo.

*

Enquanto estudante, o sr. Leite de Vasconcellos publicou 96 trabalhos, literarios e scientificos. Nesse numero se conta «O Dialecto Mirandês», obra premiada em 1883 no concurso filológico da Sociedade das Lingoas Romanicas de Montpellier, e que, com outros estudos do mesmo genero, que havia dado a lume em 1882, bastante concorreu «para que se tornasse do dominio público um idioma popular *sui-generis* que se falla na terra de Miranda, e que até então era desconhecido fóra da respectiva região». ²

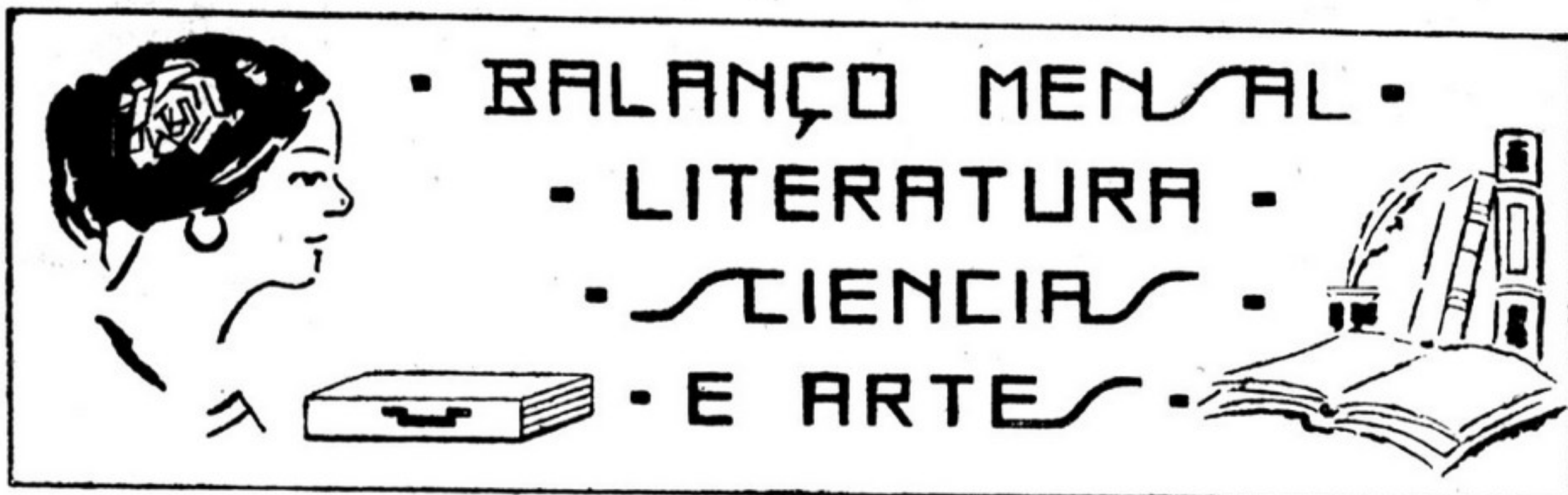
Quem tão cedo conseguiu assim guindar o seu nome e o seu talento ao apreço das Academias, não podia deixar de merecer o que de facto hoje merece e no mundo dos conhecimentos representa o veneravel autor das «Regiões da Lusitania», o sábio illustre, o investigador incansavel, o distinto archeólogo e eminente educador que é o sr. Dr. J. Leite de Vasconcellos.

A «Alma Nova», orgulhando-se de poder dedicar-lhe estas palavras, não esquece o dever de testemunhar mais uma vez ao illustre sábio o seu reconhecimento pela deferencia que lhe dispensou, iniciando nela a brilhante série de estudos sobre Etnografia Artistica que vimos publicando.

MATEUS MORENO.

Catalogo das obras de J. Leite de Vasconcellos, — LIVROS — FOLHETOS — REVISTAS: I, (1879-1897) — II, (1898-1902) — III, (1903-1909). — Ofic. Tip. L.*

² *Titulos Litterarios*, ps. 9e 10.



(Desenho de Saavedra Machado)

Em 5 d'outubro de 1916

(Discurso pronunciado no refeitório da Casa Pia de Lisboa)

Senhores empregados e alunos da Casa Pia:

Não desejo que se perca o habito que estabeleci de no dia 5 d'outubro de cada ano, eu e o Sr. Sub-Director nos sentarmos á mesa dos alunos, a esta mesa, em vossa companhia, sem distinção de lugar, onde na ocasião nos aprouver, e convôscos jantarmos neste dia.

Quiç e quero por esta forma simples significar-lhes, simbolisar-lhes o que neste dia se comemora: a implantação dum **regimen de igualdade**, regimen que não deve significar, como muitos supõem, a negação das diferenças de mérito ou de atribuições, ou a absurda e inconveniente abolição d'uma distribuição hierarquica de funções e poderes.

Cada um tem o quinhão de deveres e direitos que compete aos seus merecimentos e interessa ás conveniências da missão colectiva que nos pertence, mas por maiores que sejam as diferenças que a natureza ou a fortuna, ou as conveniências de ordem social tenham estabelecido, nenhuma podem justificar a falta de comunhão, de amizade, de harmonia, de ligação, de estreita aproximação, pelo menos nas coisas que um destino comum nos impõe; nada justifica que sejamos desiguais, perante a Patria, no minimo de direitos e deveres para com ella; nada justifica que no amor, que na dedicação, que no interesse que devemos mostrar uns pelos outros, no que pelo menos constitue conveniencia de todos, não sejamos iguais, iguais como irmãos, que sabem ser irmãos.

Se temos mais valor, mais fortuna, ou mais poder do que um outro, saibamos praticar a igualdade que consiste em, com o maior empenho e amor, fazermos com que o que temos a mais possa aproveitar áqueles que tem e valem menos, como se fossem nossos iguais, por serem nossos irmãos. Deve succeder como nas plantas. Raizes, ramos, folhas e flores, tudo tão diferente, mas tudo tão igual na origem, na remota origem; tudo tão util por ser diferente, tudo tão ligado que a vida de um depende da vida de outro, e tudo tão igual no seu préstimo, apesar das funções serem tão diversas, que matar a raiz humilde e feia, como matar a flôr, bela e nobre, é sempre sacrificar a planta, é afinal prejudicar o todo!

Acatemos, respeitemos, aproveitemos as diferenças que a natureza ou as conveniências da colectividade estabeleceram, e vivamos unidos, presos uns aos outros, solidarios, trocando, permutando ou associando serviços, cada um onde se sentir melhor e fôr mais preciso, mas vivendo todos da mesma seiva, como vivem as partes mais diversas da planta.

A comunhão que se afirma em volta d'esta mesa, onde, apesar das diferenças que entre nós existem, todos se sentem bem e próximos, simbolisa a comunhão que deve existir em todas as ocasiões entre os nossos espiritos.

Oxalá que sempre para sustentar o amor que votamos á nossa Casa e á nossa Patria, para bem de todos nós e dos que vierem depois de nós, tudo se passe como se nos alimentássemos sempre do mesmo pão, e na mesma mesa, na mais estreita familiaridade, juntos e amigos, como bons irmãos.

* * *

Pode parecer a muitos, e talvez possa ser essa a intensão de alguns, que comemorar esta data de 5 d'outubro, é acentuar diferenças entre portugueses, diferenças e divisões. Não me parece, nem nunca me pareceu.

A maneira porque nos dias que imediatamente se seguiram aos da revolução de outubro se portou a maioria dos vencidos e a dos vencedores, não permite ter a menor duvida sobre o facto de que era desejo e intensão de quasi todos o aproximarem-se e unirem-se, para bem da Patria.

E se isto era assim em 1910, mais o deve ser hoje, em que estamos em guerra e num momento em que compromissos tomados nos põem, perante o mundo, em foco, e em obrigação de nos apresentarmos como uma patria una, conscia e ciosa da sua existencia e dos seus deveres, capaz de dignamente figurar ao lado das demais nações.

Dividirmo-nos neste momento é declararmos, é proclamarmos a nossa falencia, é como afirmarmos ao mundo que não somos uma nação, mas um simulacro de nação, personalidade dubia e dividida, sem sentimento de unidade; é pôr no mais lamentavel e vergonhoso contraste Portugal d'outróra com o de hoje; é por nossas proprias bocas proclamarmos que morreu já a patria portuguesa, terra de herois que de tantos grandes exemplos encheu a Historia e que com seus valorosos serviços e arrojadas emprezas tanto contribuiu para a civilisação do mundo.

Dividirmo-nos é matarmo-nos, ingloria e vergonhosamente!

Compromissos tomados não se discutem, cumprem-se, porque na vida das nações, como na dos individuos, aquele que embora na logica mais solida, assente o arrependimento de ter dado a sua palavra de honra, de ter tomado um compromisso, e a ele por isso falte, desonra-se e perde o direito á consideração dos outros, á sua consideração e ao seu auxilio.

Depois, não sei se povos com as tradições do nosso, que tanto influiram na civilisação do mundo, e cuja vida historica é quasi sempre a de um continuo sacrificio por ideaes, por principios, por crenças, por fé, por sonhos, teriam o direito de, independentemente da obrigação dos tratados, se manterem estranhos a um conflito em que pelo menos todas as apparencias são

Artistas de Portugal

d'uma encarniçada, sangrenta e horrível luta entre o Direito e a Força, entre a civilização na sua forma mais sublime e mais humana, aquélla a que as tradições da nossa cultura mais nos prende e a da forma barbara e materialista, que menos se coaduna com a nossa natureza e a nossa historia.

Não sei, mas a mim parece-me, que aquele que no seu caminho encontra um forte maltratando um fraco, e vê desrespeitar os preceitos do direito, e ofender crenças, fé, humanidade, e destruir as mais brilhantes conquistas e documentos de civilização, e não se move e se fecha na prudencia, que é muitas vezes a mascara do medo, e a propria covardia com outro nome, não é bem um neutro, é o cumplice de um crime!

Depois que importa o sacrificio, em casos taes? O sacrificio consciente, regulado por um interesse imaterial, por um sentimento superior, por um principio, é a propria afirmação e a melhor demonstração da superioridade da nossa espécie. Só homens são capazes de o praticar. É a afirmação eloquente da nossa nobreza, da nossa força, da nossa vitalidade.

E morrer? Que importa? Todo o que se sente prestes do seu fim, á beira de um perigo iminente, que pode ser fatal, deve não ter medo de morrer, mas sim o de morrer indignamente, sem ter feito tudo o que fosse possivel fazer para salvar a sua dignidade e deixar de si boa lembrança, e um nome digno de consideração.

Os povos que não podendo triunfar, sabem no entanto morrer, morrendo digna e heroicamente, triumpham ainda porque ressuscitam; mais cedo ou mais tarde sempre ressuscitam. Os outros não, morrem, morrem para sempre.

* * *

Não vos podia nem devia falar de outra forma o director desta Casa, cuja historia está cheia das mais honrosas e patrióticas tradições; não vos podia nem devia falar d'outra forma o director da Casa onde foi educado o tenente-coronel Moura Mendes, comandante da columna de operações que retomou Kionga aos alemães; não podia nem devia falar d'outra forma o director da Casa onde foi educado Carlos Ornelas, que heroicamente morreu em Craone, batendo-se pelos franceses; não podia nem devia falar-vos d'outra forma o director da Casa onde também foram educados outros que como Guerreiro ou Berger, se alistaram nos exercitos dos aliados; não vos podia nem devia falar d'outra forma o director duma Casa que como a nossa tem dado e vae dar soldados, sargentos e officiaes para o nobre exercito português, que se prepara para bater-se na Europa contra os alemães; não podia nem devia falar-vos d'outra forma o director d'uma Casa como ésta, em cujo quadro de pessoal, figuram cidadãos franceses, que cuidam também da vossa educação, rapazes, — e um dos quais até, o Snr. Kersivet, acaba de ser duramente experimentado no seu coração de bom irmão e bom francês.

Batem-se neste momento antigos alunos desta Casa Pia e até o seu Director, até eu, tenho a honra de vestir a farda do exercito e aguardo que me chamem.

* * *

Talvez seja ésta a ultima fala que vos dirija, mas seja ou não seja, termina-lá-ei com as aclamações que oxalá, no fim da minha vida, eu tenha força ainda para levantar:

- Viva Portugal!
- Viva a Casa Pia!
- Viva a Republica!

A. AURÉLIO DA COSTA FERREIRA.

Desapareceram recentemente e para não mais voltarem! — o grande decorador Antonio Ramalho e o illustre pintor animalista Moura Girão. Ramalho legou-nos essas maravilhas que são «o Lanterneiro», o Retrato do escultor Alberto Nunes», o «Claustro de Celas e, principalmente, várias decorações notabilissimas, como as do theatro de Evora, da Jansen, e do Buçaco. Girão foi o animalista illustre que durante annos á critica sã aplaudiu com justiça e que nas exposições do Gremio soube marcar dignamente o seu lugar. Ambos pelos seus talentos e nas especialidades a que se dedicaram, souberam honrar a Arte Portuguesa; ambos, pelo seu trabalho constante e pelo seu ideal artistico, souberam lutar emquanto as doenças, os desgostos, e a velhice os não fatigam; a ambos, finalmente, a morte soube acolher no silencio eterno como boa e generosa mãe.

E já que os nabábos dêste paiz não souberam suavizar dignamente essas velhices gloriosas, já que a gente pratica da nossa terra só depois da morte dos artistas se occupou da miséria dos homens, justo é que a minha cabeça de artista moço se descubra respeitosamente diante dos dois mortos illustres, que desapareceram, e que nas columnas da *Alma Nova* se lhes preste, ao menos, a veneração e a justiça que sempre se deve aos que souberam lutar e soffrer

* * *

Em virtude da falta de espaço, só no proximo n.º da *Alma Nova* podêmos continuar os nossos estudos sobre os Artistas de Portugal, cabendo-nos tratar em segundo lugar do distincto pintor Eduardo Romero, um dos grandes artistas da geração nova, que actualmente está dedicando á nossa revista muitos dos seus melhores e desinteressados esforços.

Como é pouco desafogada a situação deste grande Artista, a *Alma Nova* chama a atenção do publico para a personalidade do pintor e para os seus trabalhos, na próxima Exposição que vamos realizar.

Tambem um grupo de amigos e admiradores de Eduardo Romero procura occupar-se do nosso prestante colaborador.

* * *

A *Alma Nova* reproduz hoje, numa das suas paginas de arte, um trabalho de Ruy Sedas Pacheco que é um artista moço de meritos invulgares. Neste seu trabalho, como também em varios outros do jovem artista, o seu temperamento revela-se-nos cheio de independencia e originalidade, e mostra-nos bem manifesta a sua vontade de acertar e progredir.

* * *

Dordio Gomes, o artista alemtejano que tão cedo soube criar um lugar de evidencia na moderna Arte Portuguesa, enviou-nos de Arrayolos, terra dilecta que lhe serviu de berço dois «carvões» magnificos acompanhados d'uma valiosissima carta. No proximo n.º da *Alma Nova*, onde será intercalado o catalogo da Exposição de Arte que a nossa revista vae dentro em breve realizar, será reproduzido, em pagina de Arte um d'esses magnificos trabalhos inéditos, e brevemente também, nos nossos «Subsidios de Arte» nos occuparemos do notavel artista com a



«NATUREZA MORTA»

OLEO DE
. . . RUY PACHECO

demorada atenção que elle nos merece. E como a *Alma Nova* procura sempre chamar a atenção do publico para os artistas de maior valôr da geração môça, publicará ainda, numa das suas principaes páginas de Arte, um dos originalissimos trabalhos de Armando de Lucena, o grande e inconfundivel pay-sagista da nossa terra acompanhando-o de algumas palavras, não de simples louvôr, mas de mais absoluta justiça.

Para fechar estas linhas de modesta prova é-me grato observar que, dia a dia, a *Alma Nova* vae seguindo serenamente no caminho traçado, procurando, dentro dos limites materiaes de que dispõe, aperfeiçoar-se e impor-se ao publico por forma que

não desmereça do conceito que êste até hoje lhe tem dispensado. As adesões valiosas de Navarro da Costa o grande pintor brasileiro que, na parte referente ao Brasil, vem honrar-me, com a sua companhia, na Direcção artistica da *Alma Nova*, como também as de outros artistas de incontestado merito como mestrê Alves Cardoso, Bonvolot, Adriano Costa, Alberto de Lacerda, Sousa Maia, e muitos outros, vem ainda animar-nos a continuar o caminho encetado.

Damos-lhes as boas vindas !

J. SAAVEDRA MACHADO.



NOTAS DO MÊS

A exposição da ALMA NOVA

Dentro em breves dias efectua a *Alma Nova* a sua primeira exposição de arte. A iniciativa é de Saavedra Machado. Os quadros são de quasi todos os artistas novos que a despeito da sua mocidade já ha muito conquistaram um nome não só nesta linda terra dos mais lindos poentes, mas lá fóra também, nesse Paris tumultuario onde só os que valem triunfam. A esse grande certamen artistico concorrem os paisagistas illustres Alves Cardoso e Frederico Aires, o talento inconfundivel e o lapis soberbo de Martinho da Fonseca, os escultôres de mais largo futuro Maximiano Alves e Raul Xavier, o grande pintor das naturezas mortas Eduardo Romero, o pincel suggestionante de Bonvalot, e tantos outros artistas de consagrado merito que, quer no desenho quer na pintura, são figuras marcantes na arte portugêsa.

A exposição da *Alma Nova* trará alguma coisa de grande para a nossa Arte, e de interesse não só para os artistas mas também para o publico que, na sua maioria, não comprehendeu ainda todo o alto significado da Arte nas suas ideias e na sua Beleza, que é um pouco de infinito e de eternidade — porque não morre nunca. Qual a verdadeira Beleza ? A que é sentida, a que revive a toda a hora num sorriso de sol, numa lagrima de tragedia, a que é feita da alma sincera do artista, a que num traço ou numa mancha diz a verdade, abraça o infinito, no temperamento do artista, na alma da raça a que o artista pertence.

A nova geração, a maior de todas as gera-

ções portugêsas, compreendeu a Arte porque a sentiu, e essa arte, complexa na sua psicologia, extranha no seu panteismo, sobe até ao genio e desce até á Alma, descobrindo e amando outras almas e em tudo vendo Espirito e Beleza.

E' essa geração que *Alma Nova* reuniu e vae em breves dias expôr em quadros perfeitos pela sua verdade e grandes pelo seu espiritualismo.



Navarro da Costa

E' com a maior alegria que anunciamos a proxima entrada para a *Alma Nova*, deste grande artista brasileiro. Mario Navarro da Costa, o subtilissimo psicologo das marinhas, numa gloriosa peregrinação de Arte pelo Brazil, pela Italia pela França veiu para Portugal estudar a nossa paisagem, mas estuda-la com toda a sua alma de poeta, com toda a sua atenção de observador emotivo.

Navarro da Costa, entrando para a *Alma Nova*, a representar o Brazil na sua arte quasi desconhecida entre nós — prestará um serviço relevante para um maior estreitamento dos laços das duas Patrias irmãs — Brazil e Portugal.

JOSÉ REBELO.

Balanço literario

Já depois de compôsto e paginado, um lastimável desastre inutilisou, por inteiro, todo o trabalho do nosso director A. Bustorff. Vemo-nos assim, penosamente, forçados a adiar para o proximo n.º da *Alma Nova* a publicação deste balanço de critica literaria onde são discutidas, entre muitas outras obras, as *Canções do meu lár*, por Mario Pacheco; *As três baladas das mãos frias* de Pedro de Menêzes; *Praias do Misterio* por Augusto de Santa Rita. etc. etc. etc.

A ilustrar o balanço destaca-se uma mascara de Pedro de Menêzes, obra do nosso Director Artistico, Saavedra Machado.

A REDACÇÃO.

Pelos teatros

NACIONAL — Depois do *Escandalo* que conseguiu bastantes casas, deu-nos este teatro um original português — *O condenado* de Afonso Gaio, escritor de ha muito illustre. As figuras que dão movimento a esta peça foram cuidadosamente estudadas e a do *Lendea* sobretudo pode considerar-se como uma das melhores e mais belas creações da já vasta galeria de tipos de Afonso Gaio. O *Lendea* é bem o português simples mas bondoso, rude mas com o sentimento do sacrificio ilimitado e incondicional. Amor altissimo e resignado, doloroso pela incerteza, apenas se alimenta de uma pequenina esperanza. Esperança de quê? Nem ele o sabe, ás vezes. E' um condenado. A sorte o destinou, e assim será. Mas vem depois a felicidade, a verdadeira felicidade que só se consegue á custa de muitas dôres e de muitas lagrimas. Ignacio Peixoto interpretou com bastante talento o José Lendea. Palmirá Torres, Joaquim Costa muito bem.

REPUBLICA — Brevemente sobe á scena neste teatro o *Infante de Sagres*, peça em verso, do grande poeta da *Gloria Humilde* que é Jaime Cortesão. Até hoje têm representado as peças do seu repertorio como *Samsão*, em que Augusto Rosa é inexcêdível, o *Pae*, extraordinaria creação de Ferreira da Silva. Aos domingos, concertos pelo illustre maestro Pedro Blanch.

GYMNASIO — A comedia ultimamente em scena neste teatro é o *Inferno* que promete conservar-se no cartaz ainda por muito tempo. A admiravel actriz Maria Matos tem no *Inferno* mais uma magnifica

creação artistica, e Alegrim e Cardoso pela naturalidade e pela observação tem mais dois belos trabalhos.

EDEN — Uma das revistas que mais exito teem obtido é certamente o *Novo Mundo* com numeros excellentes de musica. Nascimento Fernandes, o mais original dos nossos comicos tem no *Coca Bichinhos* um dos seus melhores tipos.

AVENIDA — Para abertura da epoca de inverno e para a estreia da distincta cantora Alice Pancada, abriu o *Avenida* com o *Reisinho*, opereta de curioso entrecho e de magnifica musica. Alice Pancada promete um belo futuro, tem uma boa voz, sabe cantar, tem talento e possui uma boa mascara, qualidades imprescindiveis num artista que como artista se quer considerar. José Ricardo faz o seu papel com naturalidade e bastante relevo comico.

TRINDADE — Subiu á scena neste teatro, depois de uma magica que não teve exito, a revista *Fava Rica* que tem numeros interessantes de musica e em que Alberto Miranda e Bertha Miranda tem um desempenho muito correcto e apreciavel nos seus respectivos papeis.

APOLO — *Folha Corrida* é o titulo de uma revista actualmente em scena no Apolo, que tem atraído muita gente pela sua graça, por vezes irreverente, diga-se a verdade, e pela originalidade de situações imprevistas. Os quadros historicos são dignos de serem ouvidos.

POLYTEAMA — O illustre maestro português snr. David de Sousa realisa aos domingos neste belo teatro os seus costumados concertos que felizmente já começam a ser mais apreciados pelo publico. David de Sousa é um grande artista que sabe reviver extraordinariamente os grandes musicos como Wagner.

Cartaz permanente

OLIMPIA — Escolhidos programas na apresentação de films das melhores casas productoras.

RUA DOS CONDES — Todas as noites se realizam neste teatro belos espectaculos cinematograficos.

SALÃO FOZ — A extraordinaria bailarina Bilbainita é uma das melhores atrações desta apreciada casa de espectaculos.

CHIADO TERRASSE — Escolhidos films acompanhados de excelente musica.

SALÃO DA TRINDADE — Reabriu esta casa de espectaculos cinematograficos, apresentando como sempre lindissimos programas.

SALÃO CENTRL — Todas as noites espectaculos com programas inteligentemente organizados.

J. R.

† † †

BORDALO PINHEIRO

O desenho de Saavedra Machado que devia acompanhar o artigo de Oldemiro Cesar será publicado apenas no catalogo da nossa exposição de arte, a abrir nestes dias. Esta resolução tomou-a o nosso director artistico a fim de o seu trabalho não ser reproduzido em dois numeros seguidos da ALMA NOVA. O original que representa o grande caricaturista Rafael Bordalo Pinheiro, destina-se ao museu do mesmo nome e é oferecido por intermedio do illustre escritor sr. Oldemiro Cesar.

Casa VENTURA ABRANTES

(LIVRARIA EDITORA)

80, Rua do Alecrim, 82 — Lisboa

Telefone 970

Livraria das Novidades

DE

ANTONIO DOS SANTOS CAPELA

Rua da Marinha, 15 — FARO

**Livraria, Papelaria, Loterias, Tabacos
nacionais e estrangeiros**

Neste estabelecimento vendem-se e compram-se todos os livros para escolas e liceus, romances e obras scientificas. Recebem-se diariamente todas as novidades literarias, jornaes de modas, figurinos e publicações.

Grande sortimento em BILHETES POSTAIS

Assinaturas permanentes de todos os romances e mais obras. Descontos aos revendedores e estudantes. Encadernações a preços módicos.

Agente das principaes casas de LISBOA

Depositarario da ALMA NOVA, em Faro

Livraria, tipografia, encadernação,
Fotogravuras, assinaturas, leilões e
Desenhos de capas e illustração por

SAAVEDRA MACHADO

SEMENTES

Hortalças.

flores,

arvoredo,

cereais,

pastos,

etc.

Pedidos a

Alfredo Car-

neiro de

Vasconcellos

& Filhos



105, Rua de S. João, 111 — PORTO

Fabrica Industrial 1.º de Maio

SERRALHARIA MECANICA E CIVIL

FUNDIÇÃO DE FERRO E BRONZE



MANUEL CARVALHO

RUA INFANTE D. HENRIQUE, 186 — FARO

Construcção de Poços Artesianos. — Vendem-se materiaes para os mesmos

Esta casa, que é no genero a primeira da provincia do Algarve, encarrega-se de todos os trabalhos mecanicos e civis. Constróem-se engenhos de noras de todas as qualidades, com a maior ligeireza, solidez e perfeição. Fazem-se charruas de todos os tamanhos, maquinas de debulhar milho, colunas, tubaria e todos os utensilios agricolas. Ninguem deixe de comprar n'esta casa, visto que em parte alguma do país se fabricam e vendem estes generos em melhores condições.

Preços sem competencia  Ninguem compre sem visitar esta importante fabrica

SÁGRES

Magnifica estação de turismo pela grandiosidade do aspecto geografico que oferece o lendario Cabo de S. Vicente e pela evocação das mais arrojadas epopeias das passadas grandezas da nossa raça.

Neste evocadôr recanto algarvio — que é um dos mais dignos de serem visitados — situado proximo da antiga Escola de Sagres existe um HOTEL EX-PLENDIDAMENTE INSTALADO, COM TODOS OS CONFORTOS E PRECEITOS HIGIENICOS, E UM OPTIMO SERVIÇO DE MESA.

Livraria Internacional

DE

EDUARDO J. PEREIRA

Agente das principaes casas editoras de todo o mundo

48, Rua 1.º de Dezembro, 48 — FARO

Livraria, Papelaria, Musicas e Loterias

TABACOS NACIONALES E ESTRANGEIROS

Vendem-se e compram-se todos os livros para escolas e liceus, romances e obras scientificas, novidades literarias, jornaes de modas, figurinos e publicações.

Assinaturas permanentes de todos os romances e mais obras. Descontos aos revendedores e estudantes. Encadernações a preços módicos.

Vende a ALMA NOVA

Grande sortimento em BILHETES POSTAIS

VAGÔ

ALMA NOVA



SÉDE : Rua da Penha de França, 12. 1.º

LISBOA

